



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# MASSAS

ÓRGÃO BISSEMANAL DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO 36 - Nº 714 - DE 5 A 18 DE MAIO DE 2024 - R\$ 5,00

## Balanço do 1º de Maio

**Choque entre as tendências de luta dos explorados e a diretriz de conciliação de classes das direções sindicais e políticas**

**1º de Maio marcado pelas guerras na Faixa de Gaza e Ucrânia**

**Os explorados buscam a unidade em defesa de seu programa de reivindicações**

**RESSALTA A TAREFA DE SUPERAR A CRISE DE DIREÇÃO**

**15 anos do falecimento de Guillermo Lora**



**Sua luta pela reconstrução da IV Internacional**



# 1º de Maio

## Um momento que expõe o avanço da crise mundial

### *As condições são favoráveis à luta pela superação da crise de direção*

O 1º de Maio retratou a falência mundial da burguesia em conter o processo de decomposição do capitalismo. Suas instituições criadas nos marcos do período pós 1ª e 2ª guerras se mostram ineptas para acomodar os interesses das potências imperialistas e promover uma certa estabilidade das relações políticas e militares. A ONU não foi capaz de conter o ímpeto genocida do Estado sionista de Israel. Falhou completamente em evitar o cerco da OTAN à Rússia e a consequente guerra na Ucrânia.

A máscara do pacifismo, do democratismo e dos direitos humanos já não pode ser ostentada pelas forças do imperialismo. Os Estados Unidos já a tinham rasgado com as guerras no Vietnã, Golfo Pérsico, Iraque e Afeganistão, bem como com o intervencionismo militar em todas as latitudes do mapa mundi, em especial nas crises do Oriente Médio, da África e da América Latina. O que distingue o presente do passado recente é a amplitude e o ritmo dos conflitos mundiais.

A guerra na Ucrânia, iniciada há mais de dois anos com a invasão das tropas russas, indicou o acúmulo de contradições do pós Segunda Guerra e o seu caráter internacional. Ocorreu depois de trinta e um anos da derrubada da URSS pela contrarrevolução anti-comunista. Dos anos de 1990 em diante, o capitalismo se moveu em meio a grandes crises econômicas. E, como parte delas, se impulsionou o processo de restauração capitalista que vinha ganhando terreno no Leste Europeu, na China e no Vietnã e, mais recentemente, em Cuba.

Os Estados Unidos se valeram da emersão geral da restauração capitalista e da liquidação de grandes conquistas do proletariado para não apenas garantir a hegemonia alcançada na condição de grande vencedor da Segunda Guerra como também capacitado a agir no sentido de ampliá-la. Esses dois objetivos dependiam de subordinar o território controlado pela ex-URSS, submeter a Rússia e incorporar a China na condição de súdito do mercado mundial.

A União Europeia foi arrastada por essa diretriz, uma vez que sua unificação não resultou em uma ruptura com a estagnação. A OTAN se reergueu em sua função histórica, já não mais como instrumento de guerra do imperialismo contra a URSS, que expressava, ainda que burocratizada e apodrecida, as conquistas revolucionárias do proletariado mundial, mas contra a preservação de independência da Rússia e sua capacidade de manter o controle de parte das ex-repúblicas soviéticas. De instrumento criado nos marcos da guerra europeia, a OTAN se estendeu como braço armado de intervenção em todos os quadrantes do mundo, em particular em razão da guerra comercial dos Estados Unidos contra a China.

A guerra na Faixa de Gaza entra em seu sétimo mês poucos dias depois do 1º de Maio. O conflito direto do Estado sionista com o Irã causou a apreensão de que poderia desestabilizar o Oriente Médio, já abalado por suas antigas contradições internas, pelas brasas ainda acesas das guerras civis, pela presença mais ostensiva da China e pela inflexibilidade na posição do governo israelense em ir adiante com o genocídio. A possibilidade de uma guerra entre Israel e Irã foi contornada, mas permanecem vigentes os motivos da confrontação bélica.

A ocupação da Faixa de Gaza pelas Forças de Defesa de Israel se tornou um acontecimento capaz de alimentar os fatores de

guerras que ultrapassam a Palestina à medida que o genocídio é a condição para a burguesia sionista anexar parte do território que restou ao povo palestino. Os Estados Unidos requestraram a bandeira de dois Estados para convencer os árabes que não estão pela tomada total da Faixa de Gaza e da Cisjordânia. Trata-se de uma manobra para rebater a denúncia de que o mundo assiste a um genocídio e não a uma guerra. Não seria possível a Israel chegar a esse ponto, se não fosse o amparo dos Estados Unidos com armas, dinheiro, diplomacia imperial e intervenção direta contra as forças que apoiam ou se colocam pelo fim da guerra. É sintomático que a Turquia e a Colômbia, ainda que tardiamente, tenham declarado o rompimento com o Estado de Israel.

O momento da crise mundial mostra que pesam mais no prato da balança os elementos da desestabilização. Os indicadores não se limitam ao estágio das guerras na Faixa de Gaza e na Ucrânia, cuja durabilidade e ameaça de proliferação recaem pesadamente sobre as relações econômicas que entrelaçam os continentes e os mais longínquos países. Causam temores a escalada bélica que traz a sombra das duas guerras mundiais. Em particular, a insistência dos Estados Unidos, da União Europeia e da OTAN em fornecer mais armas e recursos financeiros para que Zelensky reanime suas forças extenuadas e procure organizar uma nova contraofensiva correspondente ao objetivo de envolver a Rússia em uma guerra europeia.

Um acordo ou uma paz ditada pela Rússia é inconcebível. Os Estados Unidos já aprovaram mais armas e mais financiamento, abarcando a Ucrânia, Israel e Taiwan. Essa ofensiva que abrange o Oriente Médio, a Europa e a Ásia Oriental funciona como uma bússola para os objetivos gerais do imperialismo norte-americano de como enfrentar a crise que tende a se agravar.

Em vários países, o 1º de Maio expressou a luta de classes, o combate à opressão nacional e o desejo de fim das guerras. A repressão foi dura, como na Turquia, França e Argentina. Mas, os explorados conseguiram levantar suas reivindicações e se colocarem no campo da independência política diante dos governos. Destaca-se nesse terreno a intervenção policial nas universidades dos Estados Unidos, onde se instalou um movimento de defesa do povo palestino e contra o genocídio.

O governo democrata e a oposição republicana se uniram para dissolver pela força os acampamentos e as manifestações diárias dentro e fora dos campi. Os protestos estudantis têm sido difamados pelos sionistas como sendo antisemitas. Os direitos mais elementares de expressão, organização e manifestação foram pisoteados pelo governo Biden. Não poderia ser de outra maneira. Os democratas e republicanos estão envolvidos até as entranhas com o genocídio.

O problema está em que a classe operária não se despertou para o perigo que a humanidade corre com o desenfreio militarismo dos Estados Unidos e de seus aliados imperialistas. As manifestações em outras latitudes, principalmente na Europa, respiram o ar puro da luta contra o recrudescimento da opressão de classe e nacional. Está se configurando uma resistência anti-imperialista, embora sem uma definição estratégica devido ao atraso do proletariado e à crise de direção revolucionária. O importante está em que as massas exploradas estão reagindo ao avanço da barbárie capitalista.

# Governo burguês de Lula se move entre pinças

Ainda existe um acordo entre as forças da burguesia de que o assistencialismo social é inevitável. A miséria de milhões de famílias não diminui sensivelmente e tende a crescer. A única forma de amenizar a fome é a dos programas assistenciais – mal chamados pelos reformistas hipócritas de “inclusão social”. O Bolsa Família – pilar do assistencialismo – deixou de ser uma façanha do governo nacional reformista. Bolsonaro o manteve, mudando o nome. Deixou a presidência elevando o seu valor a R\$ 600. Lula retomou o cadastramento, aumentou o número de famílias beneficiadas e restabeleceu as contrapartidas sociais, como a obrigatoriedade de os pais enviarem os filhos à escola. No fundamental, houve um continuísmo da política assistencialista traçada em linhas gerais desde o governo de Fernando Henrique Cardoso. Assim, o terceiro mandato de Lula não teve dificuldade de continuar a jogar quirelas para uma massa de miseráveis e famintos. Os adversários que predicam o erro de se gastar muito com os programas sociais, sem que se tenha um retorno na forma de crescimento econômico e criação de empregos tiveram de se conformar com o continuísmo da máscara humanitária que procura acobertar a barbárie social.

Nesse ponto, o governo Lula, o PT e aliados continuam com os ventos favoráveis. Mas nos demais terrenos, se veem perdidos, atordoados e atormentados. O Congresso Nacional lhes são adversos. As Forças Armadas resistem em recuar de posições políticas alcançadas com o golpe institucional que derrubou o governo de Dilma Rousseff em 2016, que deu lugar à ditadura civil de Temer e que facilitou a eleição do ultradireitista Bolsonaro. E o Judiciário encabeçado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) passou a ter mais espaço no processo da governabilidade. O agravamento dos conflitos entre os três poderes do Estado indica a instabilidade política e a pequena margem à governabilidade de Lula.

Os projetos que vêm do Executivo passam por um pente fino no Legislativo. Os vetos presidenciais acabam caindo por terra. E a cada embate enfraquece o governo e engrandece a oligarquia partidária do Congresso Nacional. A queda de braço do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, com o bloco dominante de centro, direita e ultradireita no Senado e na Câmara Federal em torno às mudanças na lei que desonera a folha de pagamento é mais um episódio na corrida pelo tal do equilíbrio fiscal e do cumprimento do Arcabouço Fiscal. A retirada do bilionário subsídio que acalenta 17 setores da economia facilitaria alcançar as metas estabelecidas pelo próprio Congresso Nacional, que finalmente decidiu pela substituição do critério do Teto de Gasto adotado no governo Temer pelo do Arcabouço Fiscal. Mas, a aliança política dos capitalistas, subsidiados desde o governo de Dilma Rousseff, é poderosa e dita ordens aos partidos e parlamentares que influenciam as decisões no Congresso Nacional. Haddad reclama e exige que os congressistas também se responsabilizem pela consecução do Arcabouço Fiscal. A resposta está na ponta da língua dos opositores: que o governo corte na sua própria carne, que reduza os gastos com o funcionalismo, que diminua o orçamento para a saúde, educação etc., que passe imediatamente a realizar a reforma administrativa e que vá pensando em uma nova reforma da Previdên-

cia. Ao mesmo tempo, o Congresso manipulado pelos presidentes do Senado e da Câmara Federal, que atendem aos interesses das oligarquias regionais e do grande capital, passou a ter maior poder sobre o Orçamento, ao ponto de impor ao Executivo uma parcela orçamentária à disposição dos mais poderosos partidos e caciques partidários.

Não se conhece na história política do Brasil uma situação tal que o Congresso Nacional dite ordens ao presidente da República e comande a governabilidade. Tanto os governos de Temer e Bolsonaro foram de crise e tiveram de se subordinar aos ditames do Congresso Nacional oligárquico. A diferença em relação ao governo Lula está em que retomou ao poder depois de o PT ter perdido a presidência de Dilma Rousseff e de a coligação de centro-direita e ultradireita se alçar ao Executivo com o apoio das mesmas forças que hoje controlam com mãos de ferro o Congresso Nacional.

As concessões que Lula tem feito revelam a debilidade de um governo incapaz de enfrentar e de se sobrepôr às forças de direita e ultradireita burguesas que se fortaleceram nas entranhas da democratização após o fim da ditadura militar. O período que pendeu para uma política burguesa de centro-esquerda, tendo Lula e o PT como um pilar dessa tendência, se esgotou. Excetuando o período de dois mandatos de Lula em que a economia nacional seguiu um relativo desempenho positivo da economia mundial, o restante foi de estagnação e retração.

Nessas condições, se reergueram como força econômica a agroindústria e a agroexportação. Reacendeu o poder da economia agrária e, assim, a força histórica da velha e da renovada oligarquia capitalista. A indústria nacional perdeu força relativa e a multinacional manteve seu poder monopolista expressando as contradições entre as forças produtivas e as relações capitalistas de produção. As premissas originais do nacional-reformismo do PT, que possibilitaram a projeção de Lula, ou seja, do sindicalista metalúrgico,

se tornaram cada vez mais em desconformidade com a economia nacional altamente subordinada ao processo de decomposição do capitalismo mundial.

A experiência comprovou que não é possível ao governo burguês realizar reformas que dessem saltos à frente no potencial econômico do Brasil que é imenso sem romper com a dominação e o saque imperialista. Uma ruptura dessa ordem implicava derrotar a velha oligarquia latifundiária e dar acesso as massas camponesas empobrecidas às terras abundantes. Implicava avançar as estatizações do grande capital nacional e internacional. O contrário ocorreu: fortaleceu a estrutura latifundiária e as empresas estatais foram privatizadas ou semiprivatizadas. A defesa dos pobres e miseráveis, no sentido de erradicar a fome estrutural, exigia um salário mínimo vital e empregos a todos, bem como acesso universal à saúde e educação que deveriam ser estruturadas na forma de um sistema único estatal e gratuito.

Os vários mandatos de governos nacional-reformistas do PT nasceram comprometidos com a burguesia em geral e em particular com setores da oligarquia. Sua ascensão, tendo Lula à frente, se

***Os vários mandatos de governos nacional-reformistas do PT nasceram comprometidos com a burguesia em geral e em particular com setores da oligarquia. Sua ascensão, tendo Lula à frente, se deveu à burocratização dos sindicatos e à política de conciliação de classes que tanto serve aos capitalistas e ao imperialismo nas situações de crise e de agravamento da luta de classes. A queda de Dilma Rousseff, sem que o PT e seus aliados serviços de esquerda pudessem resistir, evidenciou o esgotamento do ciclo de governos com pendor ao reformismo e ao nacionalismo burguês de esquerda.***

deveu à burocratização dos sindicatos e à política de conciliação de classes que tanto serve aos capitalistas e ao imperialismo nas situações de crise e de agravamento do luta de classes. A queda de Dilma Rousseff, sem que o PT e seus aliados serviços de esquerda pudessem resistir, evidenciou o esgotamento do ciclo de governos com pendor ao reformismo e ao nacionalismo burguês de esquerda. O terceiro mandato de Lula ainda evoca a sombra de sua prisão, a necessidade de uma das frações da burguesia de recuperar seus direitos eleitorais e a profunda adaptação do PT à política oligárquica como forma de sobrevivência.

A exposição da conspiração golpista dirigida desde a cúpula do governo Bolsonaro reabriu as feridas deixadas pelos vinte e um anos de ditadura militar. Está mais do que demonstrada a responsabilidade de altas patentes das três armas, mas as instituições do “Estado de Direito” se mostram lentas e incapazes de punir os golpistas do alto escalão militar, empresarial e partidário. Os bolsonaristas tontos que foram presos na invasão do Palácio dos Três Poderes servem de máscara da frangalhada “defesa da democracia”. Lula teve de se arranjar com a fração dita legalista das Forças Armadas para poder tomar posse e organizar o seu governo. O custo dessa operação vai sendo exposto paulatinamente.

A denominada reconciliação diz respeito em primeiro lugar a deixar para trás o fracassado golpe de Estado. Por essa via, Lula procura encontrar apoio em setores do grande capital que há muito vinha advogando a reforma tributária. Sua aprovação no geral tem sido apresentada falsamente como uma vitória de Lula. Trata-se de uma via para reordenar as finanças do Tesouro que se encontram ultralimitadas pelo peso da dívida pública e pelo recorrente déficit público. O papel de Lula é o de administrar as divisões interburguesas, encontrar os meios de descarregar o maior peso da crise econômica sobre as massas e evitar uma rebelião se valendo da vasta burocracia sindical.

A pinça do Congresso Nacional força Lula a se conformar com as pressões dos credores da dívida pública e das frações oligárquicas que se assentam no agronegócio e no poder dos latifundiários. A pinça do poder militar pressiona Lula a limitar ao máximo sua vontade de alcançar alguma autonomia e centralização governista-administrativa. A proibição a alguns de seus ministros e ao PT de realizarem manifestações nos 60 anos do fim da ditadura militar indicou o quanto Lula está em posição de fraqueza e subserviência perante a casta militar. A tentativa de limitar a presença da alta patente nas grandes questões em discussão se mostra fútil. A pretensão de afastar o máximo possível o poder militar do centro dos três poderes que formalmente constituem o “Estado de Direito” não passa de vã esperança. O poder militar se superpõe historicamente à democracia oligárquica. Os privilégios dessa casta se entrelaçam com os privilégios da casta do judiciário e do legislativo. Não há como governar sem que se adapte a essa casta estatal que serve ao grande capital e as oligarquias regionais. Em última instância, que serve ao imperialismo.

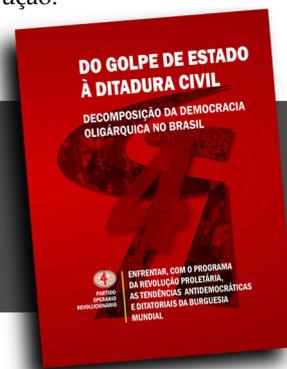
Está difícil para o governo e aliados do PT alcançar um acordo no Congresso Nacional que impossibilite a candidatura para cargos eletivos de militares que se acham na ativa. Até mesmo ressuscitar o cadáver da Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos – enterrada no governo de Bolsonaro – tem sido uma demanda inglória e desmoralizadora. A pinça dos militares prende Lula pela jugular, que adotou a posição do esquecimento e da concór-

dia entre o passado e o presente de maneira a garantir o futuro da governabilidade. As proposições da direita e ultradireita bolsonaristas estão se impondo sem a necessidade dos golpistas estarem no comando direto da presidência da República. A linha de maior repressão às manifestações da barbárie social - como a proliferação das drogas, a explosão de moradores de rua e escalada do superlotação prisional – está se impondo desde o Congresso Nacional. Corresponde à tendência de militarização do Estado em todo o mundo. A hipocrisia dos valores humanos vem sendo varrida pela enxurrada do conservadorismo e do obscurantismo religioso encarnado pela ultradireita e pelos setores fascizantes da burguesia e pequena burguesia. Não por acaso, todo o esforço no estado de São Paulo de reduzir a letalidade policial foi marginalizado pelo governo bolsonarista. Retomaram-se aos mais altos índices de matança. A ultradireita perdeu as eleições, mas conservou força política capaz de manter o governo de Lula emparedado.

Não há como o nacional-reformismo decadente reagir apoiando-se nas massas. Sua função é exatamente a de abafar a luta de classes. A greve nacional do funcionalismo e dos professores federais se tornou inevitável diante da inflexibilidade de Lula negociar um reajuste salarial, por pequeno que fosse. A retomada das ocupações de terra pelo MST é tardia. Os camponeses estão há anos à espera de uma solução para os acampamentos miseráveis. Sua direção se encolheu sob os governos de Temer e Bolsonaro. Viu um respiro com a volta de Lula à presidência. Mas, não teve a resposta esperada. O governo federal está amarrado no Congresso Nacional pela Frente Parlamentar da Agricultura, que conta com o maior poder econômico para inviabilizar a governabilidade do nacional-reformismo impotente. O “novo” programa agrário de Lula “Terra da Gente” repete as imposturas sobre a “reforma agrária”. Os latifundiários ganharam maior capacidade de repressão aos camponeses. As ações políticas de criminalização do MST vêm ganhando corpo no Congresso Nacional. De conjunto, esses fatores políticos e econômicos refletem a incapacidade do governo Lula e do nacional-reformismo do PT em se contraporem às forças de direita e ultradireita. A sobreposição da política de conciliação de classes da burocracia sindical e das direções políticas de esquerda comprometidas com o petismo no movimento sindical e popular favorece as forças conservadoras e reacionárias da burguesia e das camadas altas da classe média. Esse fator ainda permanece oculto à classe operária, aos camponeses pobres e à juventude oprimida.

Não há outra via para que o descontentamento dos explorados conflua com a política de independência de classe a não ser pelo esgotamento das experiências com o nacional-reformismo. A luta por constituir uma oposição revolucionária ao governo burguês de Lula permite à vanguarda defender o programa de reivindicações próprio dos explorados, contrapor-se às suas medidas antioperárias e combater a ultradireita burguesa. As bases petistas tendem a se dissolver diante das debilidades de Lula e de sua política de conciliação com as frações capitalistas que exigem ataques cada vez mais duros contra as condições de trabalho e salariais. E a esquerda arrivista tende a se prostrar ainda mais diante da direitização de Lula. É preciso revelar as contradições do nacional-reformismo e o seu papel de perpetuação do capitalismo em decomposição. Essa tarefa depende da aplicação do programa da revolução social que é encarnado pelo Partido Operário Revolucionário em construção.

O livro cobre as principais manifestações da crise política, das ações governamentais, das respostas dos explorados, das manobras políticas da burocracia sindical e da atuação do Congresso Nacional entre junho de 2016 e abril de 2018. Assim como as formulações e linha política desenvolvida pelo POR, em cuja base se encontra o programa da revolução proletária.



**R\$ 35**

**ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR**

# Com déficits nos estados, burguesia pressiona por novas contrarreformas

*É necessário que os sindicatos preparem desde já a luta*

Após o anúncio de Lula/Haddad de redução da meta fiscal de 2025 para um novo déficit zero, ao invés dos esperados R\$ 50 bilhões de superávit (previsto na lei do arcabouço fiscal), chegou a vez dos estados apresentarem um quadro fiscal deficitário.

Um estudo realizado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) no final de abril, com dados da Secretaria do Tesouro Nacional, mostrou que, das 27 unidades da federação, 23 devem encerrar 2024 com déficit fiscal (despesas maiores que as receitas). Segundo o levantamento, apenas os estados de São Paulo, Amapá, Espírito Santo e Mato Grosso terão superávit. O Rio de Janeiro encerrará o ano, novamente, como o campeão do déficit: R\$ 10,4 bilhões. Minas Gerais, Ceará, Paraná e Rio Grande do Sul terão déficits volumosos de 4,2 a 3,1 bilhões de reais. No total, o déficit dos estados deve chegar próximo à casa dos R\$ 30 bilhões.

O quadro de desequilíbrio reflete os gastos ainda dos anos da pandemia e os efeitos do PLP 18/22 de Bolsonaro que limitou a cobrança de ICMS sobre combustíveis/energia ao piso de 17% a 18%, derrubando a arrecadação dos estados e municípios em R\$ 109 bilhões. Em pleno ano eleitoral e acossado pela impopularidade dos altos preços dos combustíveis, Bolsonaro aprovou no Congresso o famigerado PLP, que sacrificava as receitas dos estados às custas da manutenção dos altos lucros dos acionistas da Petrobrás com a Paridade de Preços Internacional (PPI) imposta por Guedes. A prometida compensação financeira da União aos estados, repassada a conta gotas, passou longe de reverter a perda acentuada da arrecadação.

Apesar disso, a publicação dos dados serviu à grande burguesia

para reforçar, cinicamente, a campanha pela aprovação de novas contrarreformas. Federações empresariais voltaram a bater na tecla de que não basta a via da arrecadação para o equilíbrio das contas: é preciso que o governo complete o esforço com corte drástico nas despesas. A FIRJAN, descaradamente, chama atenção para o grande peso das despesas com pessoal (funcionalismo) e com benefícios previdenciários. Conclui que a reforma da previdência de 2019 não foi suficiente para garantir o equilíbrio orçamentário (dos estados e União) e defende que a reforma administrativa inclua além da União, estados e municípios.

As dificuldades do governo Lula/Alckmin em cumprir as metas do Arcabouço Fiscal, somados aos recentes dados sobre os estados, fazem aumentar a pressão de Artur Lira/PP na Câmara de Deputados pela votação da reforma administrativa. A recente manobra do governo no sentido de rejeitar a PEC 32/20 de Bolsonaro, mas negociar a criação de um projeto de lei alternativo com as forças burguesas no Congresso, mostra que o nacional-reformismo assumirá a tarefa de aprovar uma reforma administrativa que atacará o funcionalismo.

As pressões pela reforma administrativa e por uma nova reforma da previdência estão voltadas a assegurar o parasitismo financeiro e potenciar, às custas do Tesouro, os lucros da grande burguesia, seja através de investimentos, contratos ou isenções fiscais. A resposta proletária consiste em chamar os explorados a rejeitar as contrarreformas, em defender os empregos, salários e direitos e defender o não pagamento das dívidas interna e externa, assim como a estatização sem indenização de todo sistema financeiro sob controle operário.

## Governo Tarcísio

### Eleva-se exponencialmente o número de mortes provocadas pela polícia

*Não ocultar a responsabilidade de Lula e Alckmin*

Os dados oficiais de assassinatos policiais durante o primeiro trimestre deste ano foram de 179 pessoas e 75 no mesmo período do ano passado. Houve um aumento de 138%. É o maior número desde 2020, quando no governo Doria atingiu 218 casos. Se se levar em conta as denúncias de assassinatos e desaparecimentos provocados pela repressão policial, certamente, as cifras são muito maiores nesses dezoito meses de governo de Tarcísio.

A escalada de assassinatos só não foi maior ainda porque as denúncias de moradores dos bairros pobres ganharam uma enorme projeção após as ações da PM na região portuária de Santos, as chamadas Operações Escudo e Verão. No estado de São Paulo, o assassinato de presos na penitenciária do Carandiru, no governo de Fleury, foi a mais letal com 111 mortes. Agora, a Operação Verão é considerada a segunda mais violenta desfechada pela polícia.

O governador ultradireitista Tarcísio escolheu como secretário de Segurança Pública o ex-tenente da Rota, Guilherme Derrite, que comandou a tropa de choque da PM de 2010-2013, durante o governo Alckmin, hoje vice de Lula. Homem que carregava em sua trajetória policial as estrelas de ser extremamente violento para

com a população pobre e, em particular, com a juventude oprimida negra. Em entrevista, Derrite criticou os policiais “que mataram menos de três pessoas em cinco anos de serviço”. “É vergonhoso”, completou.

Mesmo com as críticas à conduta violenta de Derrite, entre elas no Conselho de Direitos Humanos, Tarcísio o mantém na pasta do governo. Repercutiu na imprensa sua fala em favor do sanguinário Derrite, quando disse “pode ir na ONU, pode ir na Liga da Justiça, no raio que o parta, que eu não tô nem aí”.

O escancaramento das violentas ações policiais obrigou uma fração da burguesia e de sua imprensa a solicitar a troca de Derrite. E a pleitear uma “política de segurança pública”, que inclui educação e punição aos policiais que praticam uma violência “desproporcional”. Volta e meia, um ou outro militar é julgado e preso, como forma de dar uma resposta às denúncias de assassinatos e torturas. Mas os mandantes, governo e comandantes da polícia, são sempre blindados. A Justiça responsável pelas condenações também faz parte do Estado. Está aí por que os crimes da burguesia acabam impunes. Partidos reformistas, por outro lado,



continuam defendendo uma “polícia mais humanizada”, como se fosse possível democratizar e humanizar o braço armado do Estado burguês.

Vivemos o período de decomposição do capitalismo, momento em que a barbárie social se agigantou. As saídas da burguesia é a de descarregar a crise sobre as massas oprimidas, aumentando assim a fome e a miséria, e a de ampliar a violência do Estado sobre a população pobre. Alegando combate à criminalidade, os governos aparelham cada vez mais as polícias e colocam nos postos-chave do Estado homens como Derrite. A governabilidade de Tarcísio está assentada no fortalecimento do Estado policial, e as consequências têm sido dramáticas para centenas de famílias que acabam perdendo seus filhos, principalmente, com a invasão dos bandos de policiais armados nas favelas. A justificativa de combate ao trá-

fico e à criminalidade não se sustenta, pois as vítimas são sempre os moradores de favelas e de bairros miseráveis. A burguesia narcotraficante e criminosa aparece oculta, nas sombras do Estado.

Desgraçadamente, as direções sindicais e políticas que organizaram o 1º de Maio com Lula no Itaquero convocaram o ultradireitista Tarcísio e o prefeito Nunes. Só não estavam presentes porque recusaram o convite. Como enfrentar os governos ultradireitistas se as direções sindicais e políticas procuram se aproximar de governos privatistas e violentos contra as massas oprimidas? Está aí por que é preciso que a classe operária e demais trabalhadores expulsem esses burocratas conciliadores que comandam os sindicatos. E transformem os sindicatos em instrumentos da luta de classe.

## Manifesto 1º de Maio

# **Viva o 1º de Maio operário, internacionalista e socialista!**

**Viva o 1º Maio independente do Estado, do governo  
e de toda a política burguesa!**

**Viva o 1º de Maio que levanta o programa de reivindicações próprio da  
classe operária e dos demais trabalhadores!**

**Viva o 1º Maio que unifica os trabalhadores e as nações oprimidas do mundo  
inteiro contra a escalada militar dos imperialismo!**

**Viva o 1º de Maio que luta pela autodeterminação do povo palestino e pelo  
fim do genocídio desfechado pelo Estado sionista de Israel!**

**Viva o 1º de Maio que luta pelo fim da guerra na Ucrânia, pelo  
desmantelamento do cerco da OTAN à Rússia e por uma paz sem anexação!**

Este 1º de Maio está diante de guerras, de escalada militar e de ataques brutais às condições de existência dos trabalhadores. Está diante da proliferação da miséria e da fome. Está diante da brutal opressão nacional. Está diante do recrudescimento da expulsão de imigrantes. Está diante do crescimento das sanções e embargos decretados pelos Estados Unidos. Está diante da mutilação da juventude desempregada e arrastada pelo narcotráfico. Está diante da projeção da violência policial e do encarceramento atingindo principalmente os negros pobres e miseráveis. Está diante da falência do Estado burguês em proteger as mulheres oprimidas. Está diante do avanço das tendências nazifascistas. Está diante dos perigos da generalização das guerras e da confrontação dos Estados Unidos com a China. Este 1º de Maio está diante da emersão da barbárie social mais candente após a Segunda Guerra Mundial.

Este 1º de Maio está diante de uma profunda regressão no terreno das conquistas das revoluções que se iniciaram em Outubro de 1917 na Rússia e a constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Está diante da crise econômica e social de Cuba. Está diante da luta anti-imperialista pelo rompimento do cerco dos Estados Unidos. Está diante do processo geral de restauração capitalista que levou à liquidação da URSS e em-

purrou a China a se submeter às relações capitalistas ditadas pelo mercado mundial. Está diante de uma profunda crise de direção do proletariado. Este 1º de Maio coloca a responsabilidade da vanguarda consciente de levantar o programa da revolução social.

Este 1º de Maio está diante de um movimento internacional pelo fim do genocídio do povo palestino e pela autodeterminação da nação oprimida. Está diante da repressão do Estado e do governo norte-americano aos estudantes que se colocam do lado dos palestinos. Está diante da luta contra a generalização da guerra no Oriente Médio. Está diante do objetivo de superar a passividade da classe operária e dos demais explorados no sentido de acabar com a guerra na Ucrânia. Está diante da necessidade de constituir um só movimento anti-imperialista e anticapitalista pelo fim das guerras de dominação, sob a estratégia do programa da revolução social.

Este 1º de Maio está diante da resistência crescente das massas às contrarreformas ditadas tanto por governos de ultradireita quanto pelos de centro-esquerda ou centro-direita. Está diante da tarefa de unir os explorados latino-americanos em defesa da luta do argentinos contra o governo ultradireitista de Milei. Está diante da resistência dos oprimidos na Bolívia, Chile e Brasil con-

tra governos de centro-esquerda e centro-direita. Está diante do objetivo de retomar as greves na França, Inglaterra, Bélgica e Alemanha para derrubar as contrarreformas e contrapor-se à desvalorização da força de trabalho. Este 1º de Maio se realiza nas condições de polarização entre a riqueza ultra concentrada e a pobreza disseminada. Este 1º de Maio se coloca na defesa do programa de reivindicações que unifica e protege a maioria oprimida contra a decomposição mundial do capitalismo.

Este 1º de Maio está diante da luta pela independência política e organizativa da classe operária e dos demais explorados. Está diante do imperativo de rejeitar as direções sindicais e políticas comprometidas com governos e partidos que servem à burguesia. Está diante do combate à política de conciliação de classes. Está diante de trabalhar para que a classe operária encarne os métodos da luta de classes. Está diante da necessidade de constituir novas direções classista e revolucionárias. Está diante do objetivo de arrancar os sindicatos da influência da política burguesa e pequeno-burguesa. Está diante da tarefa de restabelecer a democracia operária em todas as organizações de massas. Está diante de elevar a consciência de classe do proletariado e do conjunto dos oprimidos. Está diante da tarefa de superar a crise de direção. Está diante da luta pela construção dos partidos verdadeiramente proletários, marxista-leninista-trotskistas. Está diante do trabalho por erguer o internacionalismo revolucionário, reconstituindo o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

Operários, demais trabalhadores e juventude oprimida,

O capitalismo visivelmente vem se decompondo, descarregando sua crise sobre a força de trabalho, promovendo a guerra comercial, opondo países contra outros, potenciando as tendências bélicas, provocando guerras de alcance regional e mundial. A anarquia da produção capitalista se agrava com o monopólio das novas tecnologias, o reforço do domínio imperialista e o recrudescimento do saque da natureza. As forças produtivas se acham extremamente desenvolvidas e se chocam com as relações de produção baseadas na grande propriedade privada dos meios de produção. O seu encarceramento nas fronteiras nacionais estão em contradição com o estreitamento do mercado mundial.

As potências imperialistas vêm desestabilizando a ordem mundial estruturada pós Segunda Guerra Mundial. Agem poderosamente sobre as fronteiras das semicolônias. Necessitam, por outro lado, romper as fronteiras nacionais da Rússia e China restauracionistas, que quebraram elos da cadeia de dominação com as revoluções proletárias. É nesse marco que as guerras na Ucrânia e na Faixa de Gaza refletem a amplitude da crise mundial do capitalismo. As consequências são conhecidas pelas experiências das inúmeras guerras anteriores. As guerras de dominação destroem forças produtivas e impõem condições mais duras de submissão ao imperialismo. As carnificinas recaem sobre a população trabalhadora. É o que o mundo está assistindo com a matança na Faixa de Gaza, que atingiu 34 mil mortos, sendo a maioria de crianças e mulheres, em 7 meses de bombardeios.

O agigantamento militar da OTAN e o rearmamento da Alemanha e Japão são sintomas do choque das forças produtivas com as relações de produção e as fronteiras nacionais. A unidade militar do imperialismo voltada contra a Rússia e a China, na realidade, está dirigida contra todo o país que reagir ao saque e pretender a soberania nacional. As conquistas anticolonialistas e nacionalistas do passado estão em choque com as necessidades de acumulação de riquezas capitaneadas pelos Estados Unidos e aliados. A Rússia e a China são os principais alvos porque se valem das heranças de conquistas arrancadas dos capitalistas pelas revoluções proletárias.

A OTAN, agora, se mostra de corpo inteiro como um perigo para a humanidade, uma vez que se projeta como braço armado dos Estados Unidos voltado contra a Rússia e China. O prolongamento da guerra a Ucrânia corresponde à decisão do imperialismo de não recuar o cerco à Rússia. A extensão da OTAN para o Indo-

-Pacífico corresponde à decisão dos Estados Unidos de potenciar a militarização da Ásia à espera de um possível confronto com a China em torno à Taiwan.

O proletariado é a única classe capaz de pôr em marcha um programa e uma política de combate às guerras de dominação, e, portanto, ao domínio imperialista.

Operários, demais trabalhadores e juventude oprimida,

O Brasil não tem como escapar da crise mundial. Sua economia está vastamente interpenetrada com as relações mundiais dirigidas pelo imperialismo, sob o comando dos Estados Unidos. Nenhum governo burguês é capaz de se impor soberanamente diante das pressões das potências e das divisões interburguesas mundiais. Seja sob o governo ultradireitista de Bolsonaro, seja sob o governo de centro-direita de Lula, o Brasil tem de arcar com o peso e as travas dos monopólios internacionais e do capital financeiro parasitário. De maneira que as políticas econômicas e medidas antinacionais e antipopulares podem se distinguir na forma e grau particulares, mas não no seu conteúdo geral. Eis por que Lula mantém as contrarreformas de Temer e Bolsonaro. E promove novas contrarreformas. Está tão amarrado à gigantesca dívida pública e aos interesses particulares da oligarquia burguesa quanto estiveram Temer e Bolsonaro. O grande problema para os explorados está em que continuam a pagar com o desemprego, a informalidade, a terceirização, o salário mínimo de fome e corte de recursos aos serviços públicos essenciais.

Este 1º de Maio que se realiza pela grande maioria das centrais e dos sindicatos serve ao governo burguês de Lula. Política e organizativamente, as direções sindicais desses aparatos amplamente estatizados não só renunciam à luta em defesa do programa próprio dos trabalhadores como também servem de instrumento à governabilidade burguesa. Em nome da "defesa da democracia", se pratica a mais criminoso política de colaboração de classes. Em nome da luta contra a ultradireita bolsonarista, as direções sindicais colaboracionistas seguem a política exterior de Lula, cujas ambiguidades e jogos diplomáticos acabam servindo à ordem internacional sustentada pelo imperialismo. Graças ao bloqueio da política burocrática a classe operária não teve como lutar com seu programa, bandeiras e métodos próprios de luta diante das guerras, do genocídio do povo palestino, dos bloqueios econômicos e da escalada militar da OTAN. A classe operária, demais explorados e juventude oprimida devem rechaçar o colaboracionismo e o governismo. A bandeiras do proletariado não se confundem, não se mesclam, com as da burguesia. Há que defendê-las em todas as circunstâncias, ainda mais quando as massas são arrastadas pelas direções traidoras.

*Viva o Primeiro de Maio Operário, Internacionalista e Socialista.*

*O guia dos explorados é o da revolução social, anticapitalista e anti-imperialista!*



## 1º de Maio no Mundo

# Um 1º de Maio de luta e de contestação à política de conciliação de classes

Diferentemente de anos anteriores, as manifestações do 1º de Maio foram massivas e expressaram o profundo descontentamento dos trabalhadores. Duas bandeiras foram comuns na maioria dos países: o fim do genocídio do povo palestino e a exigência de melhores condições de trabalho e reposição salarial.

Na França, 210 mil manifestantes ganharam as ruas em todo o país. Levantaram as bandeiras contra a reforma da Previdência imposta por Macron, por melhores salários e pela paz na Faixa de Gaza. As manifestações foram cercadas por batalhões policiais, que pretendiam disciplinar para que o protesto fosse pacífico. A presença ostensiva da polícia acabou avivando o ódio de uma parcela que respondeu atirando pedras e incendiando lixeiras. Em várias cidades, como Paris, Lyon e Nantes, a polícia interveio com bombas de gás lacrimogêneo, espancamento e dezenas de prisões.

Na Turquia, uma gigantesca manifestação que marchava em direção à Praça Taksim, local em que no 1º de Maio de 1977 a polícia assassinou 34 manifestantes, foi violentamente reprimida. Mais de duzentos manifestantes foram presos, uma saraivada de balas de borracha e de gás lacrimogêneo foi desfechada pelos órgãos policiais do governo Erdogan. Ocorreram ações violentas contra os protestos em vários locais de Istambul. As marchas contaram com a paralisação das balsas e transportes públicos.

Na Grécia, milhares de manifestantes ergueram bandeiras contra a guerra de Israel na Palestina e em apoio aos estudantes dos Estados Unidos, que protestavam contra o genocídio dos palestinos. A marcha exigia o retorno dos direitos trabalhistas, que foram eliminados durante da crise econômica dos anos de 2010-2018. O protesto do 1º de Maio se juntou ao dos grevistas dos transportes públicos e dos serviços ferroviários.

Em Londres, centenas de manifestantes ocuparam as ruas, exigindo melhores condições de trabalho, aumento do salário mínimo, proteção ao sistema de saúde e exigência do fim da guerra em Gaza. Entre os manifestantes, também havia a reivindicação do direito de greve, que vem sendo abolido pelo governo. Chamou a atenção o protesto contra a transferência de refugiados em busca de asilo, hospedados em um hotel. Dezenas de manifestantes, no lado de fora do hotel em Peckham, tentaram impedir a saída de um ônibus com imigrantes. Os manifestantes se chocaram com a decisão do primeiro-ministro, Rishi Sunak, de deportar os imigrantes. A polícia prendeu 45 ativistas.

Em várias cidades de Portugal, houve manifestações. Diferentemente dos atos que ocorreram em comemoração à Revolução dos Cravos, os trabalhadores foram para as praças reivindicar melhores condições de trabalho e salários.

As manifestações na Alemanha, Espanha e outros países da Europa também foram massivas e mostraram disposição de luta dos trabalhadores para enfrentar a elevação do custo de vida e exigir reajuste nos salários. Também estiveram presentes as bandeiras da Palestina, que denunciavam o massacre de Israel e a fome do povo palestino.

Na Ásia, o Dia do Trabalhador no Japão contou com mais de 10 mil manifestantes na capital, que exigiam reposição salarial diante da elevação geral dos preços. O mesmo ocorreu nas Filipinas, que reuniu milhares de trabalhadores sob a reivindicação de reajuste salarial. As forças policiais reprimiram a marcha para que não chegasse ao Palácio do governo. Outras manifestações ocorreram na Coreia do Sul, em Taiwan e na Indonésia.

No Líbano, manifestantes protestaram contra a guerra e a fome dos palestinos em Gaza. E as consequências dessa guerra para o mundo e em particular para o Líbano, onde os direitos trabalhistas estão sendo abolidos.

Na América Latina, é preciso mostrar três manifestações que ocorreram sob governos tidos como centro-esquerda e de ultradireita. No Chile, o protesto convocado pela Central Unitária de Trabalhadores (CUT) reuniu milhares de pessoas e contou com ministros de governo. Uma parcela de militantes, que protestava contra o ato de conciliação de classes da CUT, enfrentou a repressão policial, o que resultou em 15 prisões, espancados e feridos pelas bombas de gás lacrimogêneo. Na Argentina, por outro lado, a manifestação se chocou com a política do ultradireitista Milei e contra a aprovação da Lei de Bases pelos deputados. As direções sindicais aproveitaram o momento para convocar a greve geral de 9 de maio e defender a chamada “pressão parlamentar”. Nas palavras de Pablo Moyano, dirigente da CGT, “temos em nossa agenda de visitar todos os senadores para que não votem nesta lei desastrosa que prejudica o povo argentino”. As correntes que compõem a Frente de Esquerda (FIT) fizeram seu próprio 1º de Maio e após sua marcha sofreu a repressão policial. Na Colômbia, o governo de centro-esquerda de Petro aproveitou a massiva manifestação do Dia do Trabalhador para anunciar que a Colômbia estava rompendo as relações diplomáticas com Israel, em um gesto contra o massacre dos palestinos desfechado pelo Estado sionista.

Nos Estados Unidos, o Dia do Trabalhador não ocorre no dia 1º de Maio, para não relacionar com a prisão e enforcamento das lideranças da greve pela jornada de oito horas. No entanto, este 1º de Maio foi marcado pela desocupação da Universidade de Columbia, em Nova York. Milhares de estudantes se colocaram em luta desde 17 de abril, com manifestações diárias e um gigantesco acampamento em frente à Universidade. Diante das ameaças de despejos, ocuparam o interior da Universidade. A Reitoria acionou as forças policiais para realizar a desocupação. A ação violenta da Reitoria com a suspensão e ameaças de expulsão de estudantes esteve de acordo com a orientação do governo Biden de reprimir o movimento para que não ganhasse projeção para outros setores de trabalhadores. O ato estudantil que causou ocupações em outras Universidades do país teve como reivindicação a luta contra o genocídio do povo palestino.

No Brasil, houve dois atos distintos: 1) o convocado pela maioria das centrais, no Itaquerão, que foi governista e eleitoreiro. No palanque, os dirigentes sindicais, ministros do governo e o candidato do PSOL à prefeitura serviram de bonecos para ilustrar a fala de Lula, que compareceu desenxabido diante de uma manifestação muito aquém do esperado. Tratou de explicar que não houve uma boa convocação, chamando atenção dos dirigentes sindicais e ministros. Sem nada a oferecer, Lula, usando sua forma teatral corriqueira, sancionou a lei que oficializa a isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 2.824 mensais, o equivalente a dois salários mínimos; 2) o da Praça da Sé, lugar histórico das lutas operárias e defesa da independência de classe. Ocorreram outros atos em São Paulo, que serviram unicamente para enfraquecer o ato da Sé, como foi o caso da manifestação convocada pelo PSTU, no Teatro Municipal. O POR participou do protesto da Praça da Sé com suas bandeiras, banca de materiais partidários, distribuição dos Manifestos do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) e o do Partido Operário Revolucionário.

1º de Maio no Brasil

# Intervenção do POR no 1º de Maio

## São Paulo

### 1º de Maio em São Paulo é marcado pelo divisionismo e esvaziamento

O 1º de Maio em São Paulo esteve profundamente marcado pelo divisionismo. Ao menos quatro manifestações na cidade tiveram suas características próprias, mas em comum compartilharam o esvaziamento. As centrais sindicais, CUT, CTB, Força Sindical etc., além de grandes movimentos como o MTST e MST convocaram para uma manifestação no estádio Itaquerão, na Zona



Leste. Essa manifestação foi organizada para fazer a defesa do governo Lula, com participação do próprio, que não poupou críticas aos burocratas que “não convocaram direito”. Lula discursou para uma plateia reduzida, o que é um indício de que o sucesso eleitoral não se traduz em apoio popular aberto, já que seu governo não revogou nenhuma contrarreforma dos governos anteriores e ainda aplicou novas medidas de ataque às condições de vida das massas. O ato no Itaquerão contou com um convite para a participação do fascistoide Tarcísio, governador que liderou o recente massacre no litoral do estado, com mais de 50 mortos. Esse fato mostra até que ponto as centrais sindicais podem chegar para proteger a governabilidade de Lula (deve-se lembrar que há poucos meses Lula esteve aos abraços com Tarcísio ao lançar parcerias econômicas).

Um pequeno grupo de pessoas, sob a denominação de VAT (Vida Além do Trabalho), que se coloca contra a escala de trabalho 6x1, se encontrou na Estação São Bento. A OCI, antiga Esquerda Marxista, convocou essa manifestação. A Conlutas, PSTU, MRT e outros chamaram para uma manifestação na Praça Ramos, sob a bandeira da Frente de Esquerda. Trata-se da reedição do falido Polo Socialista, das eleições de 2022, quando o PSTU arrastou o MRT e outras correntes com a promessa de que se tratava de uma frente de luta que não se limitaria às eleições. Não sobreviveu depois do primeiro turno, quando o PSTU decidiu pelo voto em Lula. Agora, em ano eleitoral, volta a ladainha da frente de esquerda. Essa manifestação contou apenas com as próprias bases das organizações que convocaram.

O tradicional 1º de Maio na Praça da Sé, cuja debilidade se deveu ao rompimento do PSTU, Conlutas, MRT, UP, OCI e outras que não compareceram ou enviaram apenas uma representação para fazer uso oportunista da palavra no carro de som. A classe operária esteve ausente, não só da manifestação da Sé, como de todas as demais. Embora golpeado pelo divisionismo, o 1º de Maio na Praça da Sé expressou a independência diante do governo e da burguesia, bem como serviu de tribuna para a defesa do programa de reivindicações da classe operária e do internacionalismo classista voltado à luta contra o genocídio do povo palestino na Faixa de Gaza e o fim da guerra na Ucrânia.

De conjunto, esse quadro mostra a profundidade da crise de direção que atravessamos no país, mas que se expressa de forma ainda mais aguda em São Paulo, já que o alto desenvolvimento das forças produtivas e a experiência no movimento operário, sua maturidade, desenvolve grandes contradições. Formam-se as burocracias mais reacionárias, conciliadoras que controlam a classe

com mãos de ferro. É onde também encontra terreno fértil o oportunismo do centrismo, que se orienta pela busca corporativa do crescimento, manobrando com as reivindicações e jogando com as bandeiras do internacionalismo. Os seguidores dessa linha estão condicionados pelo sindicalismo de esquerda burocrático e pelas aspirações eleitorais. O próprio argumento das correntes divisionistas evidencia o boicote objetivo à tra-

dicional manifestação da Praça da Sé.

O POR convocou e participou da manifestação na Sé com suas bandeiras, publicações e com um manifesto com o título: Viva o 1º de Maio operário, internacionalista e socialista. Que coloca a ligação do caráter internacionalista deste Dia do Trabalhador, devido às guerras de dominação na Ucrânia e na Faixa de Gaza, e vincula a luta internacional com a defesa de um programa próprio de reivindicações da classe operária e demais trabalhadores, que parta de suas necessidades mais imediatas, que é o emprego, os salários e os direitos, amplamente destruídos pelos governos burgueses nos últimos anos. E rechaçou o 1º de Maio governista organizado pelas direções sindicais traidoras.

Muitas intervenções denunciaram o massacre na Faixa de Gaza corretamente como um genocídio praticado pelo Estado sionista de Israel. A Frente Palestina também discursou nesse sentido. Sobre a Guerra na Ucrânia, que já dura mais de dois anos, sem perspectiva de uma solução breve, reinou o silêncio das correntes, o que expressa outro aspecto da crise direção. A divisão das esquerdas e a incompreensão do papel que representou o desmoronamento da URSS estão na base da ausência de um movimento internacional contra a guerra. Trata-se de compreender que depois do fim da URSS, em 1991, o imperialismo, através de seu braço armado, a OTAN, passou a uma ofensiva mais aberta anexando parte das ex-repúblicas soviéticas e subordinando-as à OTAN. Essa é a base do cerco da OTAN à Rússia, que para se defender usa a Ucrânia como um escudo, na tentativa de manter o seu controle regional.

Em seu manifesto, o POR sintetizou o problema da seguinte forma: “Este 1º de Maio está diante de um movimento internacional pelo fim do genocídio do povo palestino e pela autodeterminação da nação oprimida. Está diante da repressão do Estado e do governo norte-americano aos estudantes que se colocam do lado dos palestinos. Está diante da luta contra a generalização da guerra no Oriente Médio. Está diante do objetivo de superar a passividade da classe operária e dos demais explorados no sentido de acabar com a guerra na Ucrânia. Está diante da necessidade de constituir um só movimento anti-imperialista e anticapitalista pelo fim das guerras de dominação, sob a estratégia do programa da revolução social.”

O pronunciamento do POR se diferenciou por expressar a estratégia revolucionária da classe operária, em vínculo com a luta pelas reivindicações mais sentidas da classe, que só podem ser conquistadas através da independência de classe, com os métodos próprios da luta de classes.

### Pronunciamento do POR

Bom dia, camaradas.

Nós, do Partido Operário Revolucionário, comparecemos nessa manifestação, mas também, no último mês, comparecemos nas portas de fábricas, nas Assembleias de greve, nos comitês de luta, com as bandeiras classistas e revolucionárias para defender um 1º de Maio operário, internacionalista e socialista. Um 1º de Maio que unificasse a luta dos trabalhadores. Um 1º de Maio independente do Estado, dos governos e de toda a política burguesa.

Nesse 2024, o 1º de Maio ganha um caráter obrigatoriamente internacionalista. Isso porque nós estamos diante de duas guerras de dominação. A guerra na Ucrânia e a guerra na faixa de Gaza. A guerra na Ucrânia tem como principal responsável o cerco imperialista dos Estados Unidos e da OTAN à Rússia. E a guerra na Faixa de Gaza que expressa até onde o imperialismo pode chegar com a sua barbárie. Já são 34 mil mortos, a maioria mulheres e crianças. Por isso, camaradas, nós devemos levantar bem alto as bandeiras de cessar-fogo imediato na Faixa de Gaza. Pela autodeterminação do povo palestino. Pelo fim do genocídio.

As grandes manifestações que estão acontecendo pelo mundo todo, as ocupações de universidades que estão acontecendo, são os germes, são os embriões da luta anti-imperialista. Por isso nós, no Brasil, temos a obrigação de fazer parte dessa luta anti-imperialista. Mas para isso, camaradas, nós precisamos derrotar as direções políticas conciliadoras que estão bloqueando a luta para proteger o governo Lula.

Camaradas, operários, juventude oprimida, nós percebemos claramente que o capitalismo está em franca decomposição. E por isso, nós defendemos que é preciso organizar a luta classista e revolucionária. Nós vemos por toda parte a miséria, nós vemos a fome, nós vemos a escalada militar. O que lembra, inclusive, os preparativos para as duas grandes guerras mundiais. A fome e a miséria estão espalhadas. Só aqui no Brasil são 66 milhões de pessoas passando fome, que representa um terço da população brasileira. Por isso, camaradas, esse 1º de Maio comparece como necessidade para organizar a luta revolucionária e classista. Mas nós devemos colocar claramente como organizar essa luta. E essa luta parte da defesa das reivindicações mais sentidas da classe operária e dos demais



explorados. Essas reivindicações são as reivindicações por emprego, salário e por direito. Contra a fome e contra a miséria. Essas reivindicações devem ter no alto a luta contra as reformas trabalhista, previdenciária e contra a terceirização, que foram aprovadas nos governos anteriores mas que são mantidas pelo governo burguês de Lula. Por isso, camaradas, esse programa próprio de reivindicações só pode ser conquistado com os métodos próprios da classe operária. Que é a greve, que é a ocupação, que são os piquetes, que são as mobilizações massivas e que é a unidade na luta. Chamamos, por fim, um viva a esse 1º de Maio.

**Viva o 1º de Maio que luta pelo fim do genocídio na Palestina e pela autodeterminação do povo palestino!**

**Viva o 1º de Maio que luta pelo fim da guerra na Ucrânia e contra todas as guerras de dominação!**

**Viva o 1º de Maio que luta pelo fim do massacre do povo pobre no nosso país. E viva o 1º de Maio que segue sob a estratégia revolucionária da classe operária!**

**Por fim, uma palavra de ordem, camaradas, que todos podem seguir.**

**Porque o 1º de Maio é socialista, ele é operário. Gritemos:**

**1º de Maio socialista e operário!**

**Até à vitória, camaradas!**



**ADQUIRA** COM NOSSO DISTRIBUIDOR DO MASSAS

- POR 20 anos construindo o programa** (Partido Operário Revolucionário)
- POR Programa** (Partido Operário Revolucionário)
- SOCIALISMO OU BARBARIE** (A REVOLUÇÃO PROLETÁRIA NA ÉPOCA DO CAPITALISMO EM DECOMPOSIÇÃO)
- ASCENSO E QUEDA DO PT** (A LUTA PELA CONSTRUÇÃO DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO)
- AS ESQUERDAS NO BRASIL** (O bolsonismo diante da tarefa de constituir o partido revolucionário)

## Ceará - Fortaleza

# 1º de Maio unitário foi marcado pelo eleitoralismo e a conciliação de classes

O 1º de Maio em Fortaleza teve um caráter unitário, sendo convocado por várias centrais, sindicatos, movimentos e partidos. Com o lema “Por um Brasil mais justo”, a convocatória foi assinada por 7 centrais: CUT, CTB, Força Sindical, CSB, UGT, NCST e Intersindical. Chamou a atenção, o divisionismo do PSTU em não comparecer ao ato, assim como a FOB que resolveu organizar uma atividade própria.

A concentração foi marcada para a praça da UECE, a maior das três universidades estaduais em greve. A manifestação percorreu as ruas do bairro serrinha e finalizou na praça da Cruz Grande. Ao menos 3 mil manifestantes estiveram presentes no ato entre estudantes, docentes e servidores em greve, professores da rede básica do ensino, sem-tetos, populares, petroleiros e operários da construção civil. O reduzido contingente de operários no ato era esperado, dada a mordida imposta pela burocracia sindical sobre as categorias proletárias que não têm se mobilizado no último período.

No ato prevaleceu a linha da conciliação de classes, do apoio ao governo Lula/Alckmin, do eleitoralismo e da luta por reivindicações rebaixadas. Não à toa os organizadores agitavam as consignas de: correção da tabela do imposto de renda, juros mais baixos, emprego decente, valorização do servidor público etc.

Apesar da escolha da praça da UECE como ponto de concentração, forma simbólica de apoio às seis universidades e Instituto Federal em greve, nenhuma fala dos organizadores



procurou denunciar a perseguição do governador petista Elmano de Freitas sobre os docentes e técnicos paralisados das estaduais, assim como a recusa de Lula/Camilo em atender o pleito do ANDES e SINASEFE.

O POR atuou em unidade com o Bloco Classista e Combativo, com quem organizou uma coluna na manifestação em defesa da independência de classe e das reivindicações mais sentidas pelos explorados. Os poristas intervieram com carro de som próprio, com banca de materiais, jornais, manifesto nacional, faixas e bandeiras. Denunciaram o salário de fome de R\$ 1.412,00 do governo de Frente Ampla, defenderam o salário vital, a escala móvel de trabalho, o desconhecimento das dívidas externa e interna, a estatização dos bancos e um governo operário-campônês. Não faltaram as denúncias do circo eleitoral, a defesa dos métodos próprios dos explorados, a solidariedade à luta palestina pela autodeterminação e o combate ao imperialismo norte-americano que impulsiona a guerra Ucrânia e a prepara uma nova guerra mundial.

O 1º de Maio permitiu reunir contatos em torno ao programa revolucionário e impulsionar a propaganda marxista-leninista-trotskista. A superação da crise de direção, condição necessária para a expropriação da burguesia e a liquidação do capitalismo decomposto só pode ser alcançada com o firme empenho na construção do partido operário revolucionário.

O 1º de Maio permitiu reunir contatos em torno ao programa revolucionário e impulsionar a propaganda marxista-leninista-trotskista. A superação da crise de direção, condição necessária para a expropriação da burguesia e a liquidação do capitalismo decomposto só pode ser alcançada com o firme empenho na construção do partido operário revolucionário.

## Pernambuco - Recife

# 1º de Maio governista e festivo

O ato convocado pelas centrais sindicais CUT, CTB, NCST, UGT e Força Sindical foi festivo e governista, assim como no ano passado, com show de brega, na praia, iniciando no fim da manhã. A CSP- Conlutas tinha a incumbência nacional de fazer um 1º de Maio “classista”, mas não teve a iniciativa política de convocar uma plenária democrática para construí-lo. Apostou na construção na antevéspera, no comando estadual da greve da educação federal - Pernambuco. Na semana passada, houve um consenso sobre a necessidade de um ato classista e não festivo para os grevistas se expressarem. Porém, diante das resistências das diretorias sindicais do PT e PCdoB e da ausência de alternativa por parte do PSTU, não houve consenso e cada um ficou “liberado” para convocar o ato que quisesse e as bases ficaram em casa na data.

A juventude do bairro popular e universitário Várzea preparou com antecedência o seu 1º de Maio, assim como no ano passado, envolvendo a associação de moradores e a cena cultural “underground”, planejou um momento de debates e microfone livre e outro momento de festival de música. Por fim, a UP e suas organizações paralelas de sem-teto, mulheres, sindicatos, juventude etc. chamaram um ato com marcha, pela manhã, no bairro popular de Afogados.

O POR lançou sua carta aberta chamando à unificação, e também fez o chamado a um ato internacionalista e proletário no Boletim Nossa Classe. Não houve uma manifestação unificada e centralizada, devido ao divisionismo das direções vinculadas ao governismo. A greve da educação federal, nesse sentido, não teve como impulsionar um 1º de Maio classista e combativo. O ataque

diário da burocracia sindical do PCdoB à greve e a própria debilidade da oposição não possibilitaram ocorresse a aglutinação das forças que poderiam marcar o caráter de luta do 1º de Maio. Diante disso, o POR participou do ato convocado por uma parcela da esquerda. Foi importante a distribuição dos manifestos do POR, CERQUI, da greve da UFPE e do comitê da Palestina. A fala do POR se destacou em frente à feira popular, mostrando a necessidade da luta organizada da classe operária pela independência política sob o programa do internacionalismo.

Pela tarde e noite, o POR participou do 1º de Maio Anticapitalista, da Várzea. Houve microfone aberto, participação de docentes e estudantes das instituições em greve, o que permitiu expressar a defesa da greve como método operário e do internacionalismo proletário. A parte do festival contou com bandas e músicas que tratavam da luta pela autodeterminação do povo palestino, contra o imperialismo, por revolução agrária e outras bandeiras.

A classe operária esteve ausente dos três atos. Pela manhã, apenas a burocracia sindical se reuniu na praia, em um local de lazer popular, mas sem nenhuma conexão com o povo. As greves da Educação poderiam resultar em um poderoso dia de lutas e reivindicações e a classe operária poderia ser chamada a intervir. Porém, as direções governistas conseguiram manter as massas na passividade, condição para sustentar a governabilidade de Lula.

O PSTU, seguido pelo MRT, chamou um ato, na realidade uma panfletagem no dia 02, no metrô. Consideramos que o ato fora da data não constitui um 1º de Maio, além de seu formato também não demonstrar preparação e orientação classista.

## Rio Grande do Norte - Natal

# Ato do 1º de Maio demarcou caráter classista e internacionalista

Uma frente constituída pela CSP-Conlutas, SindBancários, Sindaúde, Sintest, Sindprevs, PSTU, PSOL, MRT, ART e POR convocou ato do 1º de Maio com sob a bandeira “internacionalista, classista e independente dos governos e patrões”. O ato teve concentração na Praça dos Pescadores, na Praia do Meio, onde permaneceu parado, e contou com intervenções políticas no microfone. Na mobilização prévia do ato, houve distribuição de panfletos e faixas pela cidade.

Um outro ato foi convocado pela CUT e satélites, com o tema “Por um Brasil mais justo”, mesclando no cartaz bandeiras burguesas como “menos juros” com bandeiras abstratas como “emprego decente” e “aposentadoria digna”. A concentração se deu na Praça Cívica, e marcha pela Praia do Meio.

O 1º de Maio, portanto, sofreu do divisionismo entre as centrais. De modo que as categorias da educação federal em greve

estiveram divididas: enquanto o Sinasefe e Adurn convocaram o ato da CUT, o SINTEST convocou o ato na Praça dos Pescadores. O movimento estudantil também se dividiu entre os dois atos. As bases não compreenderam a convocação de dois atos, quando o espírito do 1º de Maio é a unificação das lutas dos explorados.

A intervenção do POR no ato da Praça dos Pescadores constituiu nos seguintes pontos: 1) saudar o caráter do ato, internacionalista, classista e independente dos patrões e governos; 2) defesa da autodeterminação do povo palestino; 3) solidariedade aos estudantes universitários dos EUA, que nesse momento sofriam a repressão estatal por se contraporem ao apoio do seu país ao Estado sionista; 4) fim da OTAN, retirada das tropas russas da Ucrânia e por uma paz sem anexações; 5) apoio às greves na educação federal; 6) denúncia do salário mínimo de fome e defesa da constituição de uma frente única de luta pelos sindicatos e centrais, em torno de uma pauta de reivindicações gerais.

## Rondônia

# Direções sindicais não convocaram o 1º de Maio

O Dia do Trabalhador em Rondônia foi um dia de silêncio, sem nenhuma manifestação de rua ou ato de protesto. Nos anos anteriores, por mais frágeis que fossem, geralmente aconteciam as manifestações de rua, atos públicos, debates, enfim, várias formas de manifestar e protestar contra as atrocidades pelas quais passam os trabalhadores neste país.

As centrais sindicais e os sindicatos não chamaram os trabalhadores para se manifestar neste 1º de Maio, momento importante para denunciar a gigantesca opressão vivida pelos trabalhadores e de apoio à greve dos técnico-administrativos federais e professores. Mas os burocratas sindicais preferiram se calar e não convocar os explorados para os protestos de rua. Por outro lado, os servidores federais em greve não tiveram força para organizar um ato classista e de luta nesse dia tão importante para a classe operária e demais trabalhadores.

A militância do Partido Operário Revolucionário (POR) procurou, como sempre faz, as entidades com a finalidade de colaborar

na construção das manifestações e esteve presente na reunião para organizar a marcha do dia 22 de maio para Brasília. Quando questionou sobre o 1º de Maio, a resposta das direções foi a de que a “Marcha” do dia 22 faria parte das atividades do dia 1º de Maio. Diluíram a expressiva e importante manifestação do dia do trabalhador, em reuniões e debates junto aos integrantes da própria burocracia sindical.

O momento do 1º de Maio, nesse ano, ganhou enorme importância por se tratar da defesa do povo palestino contra o genocídio provocado pelo Estado sionista de Israel. E por fazer parte das gigantescas mobilizações que ocorrem no mundo em defesa da Palestina, como a dos estudantes nos Estados Unidos, que foram duramente reprimidos pela polícia.

O descaso das direções sindicais em Rondônia deve ser denunciado por todas as correntes que se colocam no campo da independência política e da luta direta contra os governos e patronato, que descarregam a crise sobre as costas dos trabalhadores.

## Rio de Janeiro

# 1º de Maio não serviu para impulsionar as lutas no Rio

O 1º de Maio no Rio de Janeiro foi dividido em duas manifestações. Participamos do tradicional ato em Madureira, convocado por diversos sindicatos entre eles o Andes e Sintufjr.

O POR atuou através da distribuição de nosso manifesto, que defende um Dia do Trabalhador internacionalista e socialista, com as bandeiras que unificam a maioria explorada em torno de um programa próprio de reivindicações, com os métodos próprios da classe operária. O material foi bem recebido pela população que passava pelo local. Não foi possível, no entanto, fazer uso da palavra no carro de som.

O fundamental está em que o 1º de Maio no Rio não serviu para organizar os trabalhadores para a luta, impulsionar as greves dos professores e técnicos administrativos, entre outras categorias em luta. A responsabi-



lidade recai sobre as direções sindicais e políticas que trabalham para garantir a governabilidade do Governo Lula. O eleitoralismo também está na base da divisão, pois fortalece o corporativismo. Entre os professores da rede estadual, por exemplo, um grande número de demissões de contratados marcou os últimos meses, sem que o SEPE tenha se colocado em defesa desses trabalhadores.

O POR em seu manifesto expressou a tarefa não cumprida neste 1º de Maio: “Este 1º de Maio está diante da luta pela independência política e organizativa da classe operária e dos demais explorados. Está diante do imperativo de rejeitar as direções sindicais e políticas comprometidas com governos e partidos que servem à burguesia. Está diante do combate à política de conciliação de classes. Está diante de trabalhar para que os

explorados encarnem os métodos da luta de classes. Está diante da necessidade de constituir novas direções classistas e revolucionárias. Está diante do objetivo de arrancar os sindicatos da influência da política burguesa e pequeno-burguesa. Está diante da tarefa de restabelecer a democracia operária em todas as organizações de massas. Está diante da importância fundamental de elevar a cons-

ciência de classe do proletariado e do conjunto dos oprimidos. Está diante da tarefa de superar a crise de direção. Está diante da luta pela construção dos partidos verdadeiramente proletários, marxista-leninista-trotskistas. Está diante do trabalho por erguer o internacionalismo revolucionário, reconstituindo o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.”



## NOSSA CLASSE

Pela organização independente dos trabalhadores!  
Sob o programa da revolução proletária!

Boletim Sindical do Partido Operário Revolucionário

Ano XX - Maio de 2024

(11) 95446-2020

nossa.classe@hotmail.com | pormassas.org

@massas.por | anchor.fm/por-massas



Geará - Boletim Nossa Classe - Eletricitários

## SIRTEC: É preciso lutar por reajuste salarial e por direitos! Contra a superexploração e perseguições!

No dia 17 de abril, aconteceu mais uma rodada de negociações sobre a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) dos terceirizados da Enel Ceará. Sindeletró e Sindenergia (sindicato da patronal) discutiram diversas reivindicações da categoria, como: reajuste salarial com ganho real, aumento no vale alimentação, regularização das escalas de trabalho, implantação de ponto eletrônico e garantia de assistência ao trabalhador na rescisão contratual. Porém, a negociação segue sem avanços concretos. Próxima rodada de negociação está prevista para ocorrer no dia 02/05.

A patronal manteve o reajuste de 4% nos salários (apenas 0,18% de ganho real) e de 3,82% no vale alimentação/refeição (apenas inflação). Sobre a escala de trabalho é preciso derrotar a superexploração dos patrões que querem escalas exaustivas (5x1 ou 6x1, por exemplo), que retiram o direito de descanso e lazer dos trabalhadores. É parte desse processo a discussão sobre o ponto eletrônico.

Sem qualquer justificativa plausível, as empresas insistem em retirar da CCT a garantia de que o trabalhador tenha a assistência do Sindeletró no processo de desligamento.



O Boletim Nossa Classe chama os eletricitários a lutar contra as tentativas dos patrões de piorar as nossas condições de vida, de trabalho e nossos salários. É preciso exigir que o Sindicato convoque assembleia para organizar a luta já!

## Viva o 1º de Maio operário

Na última quarta-feira, em todo o Brasil, ocorreram manifestações do 1º de Maio. O Dia do Trabalhador é uma data internacional onde os explorados ganham as ruas para denunciar a exploração e lutar por suas reivindicações. Sua origem foi a greve dos trabalhadores de Chicago (Estados Unidos) em 1º de Maio de 1886, que exigia: redução da jornada de trabalho de 13h para 8h, aumento de salário, proibição do trabalho infantil e do trabalho feminino noturno. Os patrões agiram com violência e a forte greve de Chicago terminou com a prisão e condenação à morte de 6 dirigentes operários. A partir do Congresso Socialista de 1889, em Paris, o 1º de Maio passou a ser realizado todos os anos.

No Brasil, o dia do trabalhador vem sendo realizado pelos sindicatos, e partidos operários desde o início do século XX. Em 1925, foi transformado em feriado pelo odiado governo Artur Bernardes que queria aparecer como amigo dos explorados. Nos dias de hoje, o 1º de Maio vem sendo usado pela CUT, PT e sindicatos traidores para a conciliação com os patrões e governos inimigos do povo po-



bre. O Boletim Nossa Classe, neste 1º de Maio, levantou as bandeiras de: Por emprego a todos! Redução da jornada de trabalho sem redução de salário (Escala Móvel)! Não ao salário mínimo de fome de R\$ 1.412! Por um salário vital que assegure vida digna a uma família de 4 pessoas! Não à conciliação com os governos e patrões! Pela Independência de classe! Fim do capitalismo! Pela Revolução proletária e o socialismo!

São Paulo

## Realizado o Encontro Operário do Boletim Nossa Classe/POR, no ABC paulista

No dia 28 de abril, foi realizado o Encontro Operário, mensal e presencial, que o POR realiza com os contatos operários do ABC. As discussões objetivam fortalecer a luta no interior das fábricas e construir as direções classistas e revolucionárias. Na primeira parte do encontro, fizemos a leitura e debate das notas do boletim Nossa Classe, com as campanhas do partido.

Destacamos a importância do boletim trazer o chamado convocando os operários a participarem do Ato do 1º de Maio Independente, Internacionalista e Socialista na Praça da Sé. Outra nota importante é sobre a campanha que estamos fazendo pela efetivação dos trabalhadores terceirizados, que a cada dia enviam mais denúncias sobre os baixos salários e as condições precárias de trabalho.

Os trabalhadores revoltados com a superexploração e sem uma direção sindical que organize a luta recorrem ao Nossa Classe. A grande tarefa colocada é de transformar a revolta em organização política, construindo a comissão de fábrica, independente, classista e revolucionária. É nessa batalha que se formará uma direção classista pelos próprios trabalhadores, para assim derrotar a direção traidora e resgatar o sindicato para a luta em defesa dos empregos, salários e direitos.

No Boletim, denunciemos a ação antidemocrática e gangsteril dos diretores do sindicato metalúrgico do ABC, que tentam impedir - chegando a agredir e ferir uma companheira - a entrega do Nossa Classe na Mercedes.

Na segunda parte do encontro, fizemos a leitura e debate de um texto, que trata da desindustrialização, da crise de superprodução e da resposta proletária à flexibilização capitalista do trabalho.

Segue trechos do texto debatido: “Segundo o IBGE, a indústria nacional chegou a representar em 1985, 35,9% do Produto Interno Bruto (PIB), declinando a partir daí, chegando à menor participação em 2021, com apenas 11,3% de participação. Em 2021 houve uma onda de fechamento de fábricas que se mantém até hoje. A Ford fechou as suas quatro unidades no Brasil. A alemã Mercedes-Benz fechou a fábrica de Iracemápolis. A LG fechou a unidade de Taubaté. A Toyota fechou sua unidade em São Bernardo do Campo e anunciou o fechamento da fábrica de Indaiatuba até 2025. Com base nas projeções da Bright consultoria, a capacidade de produção instalada hoje no Brasil é de 4 milhões de veículos ao ano, e produz apenas 2 milhões, com uma capacidade ociosa de 50%. Ao longo da década de 70, a Volkswagen em São Bernardo do Campo chegou a empregar mais de 40 mil trabalhadores na

planta Anchieta. O número de operários diminuiu até chegar aos atuais 8.200 trabalhadores. O Boletim Nossa classe começou a circular na Volks em setembro de 2001, demonstrando que a direção do sindicato metalúrgico do ABC tem servido como canal para que a patronal possa aplicar sua política de redução de custos de produção, através da flexibilização capitalista do trabalho, da retirada de conquistas e direitos, da terceirização, das demissões em massa, do lay-off, PDV e PDI.

A “estabilidade no emprego” aos trabalhadores, tem sido a grande mentira utilizada pela burocracia sindical para impor os acordos de demissão, terceirização e retirada de direitos. O Nossa Classe é totalmente contra o PDV, PDI e o lay-off e tem levantado a bandeira, emprego não se negocia, se defende com a luta. O PDV e o lay-off são mecanismos da chamada flexibilização capitalista do trabalho. Foi instituído pela classe patronal para minimizar a violência das demissões em massa. É usado pela burocracia para negociar a demissão, iludindo os operários com a indenização e evitando a solidariedade operária e o combate aos patrões.

Para combater as demissões e o fechamento das fábricas, o POR tem defendido a greve com ocupação das fábricas, a estatização, sem indenização e sob o controle operário coletivo da produção. É preciso construir uma fração revolucionária no seio do movimento operário. Dizemos revolucionário pelo programa de combate anti-imperialista e anticapitalista, pelo método da ação direta e de oposição à conciliação da direção sindical burocrática. As medidas capitalistas contra os empregos e os salários expressam a crise estrutural do sistema de exploração do trabalho e acumulação de capital. A renovação tecnológica leva à destruição massiva de postos de trabalho, aumenta a exploração aumentando a produtividade, sem, contudo, ampliar o desenvolvimento das forças produtivas. A capacidade instalada é muito superior ao que o mercado pode consumir.

O programa da classe operária parte da necessidade de eliminar as relações capitalistas de produção e transformá-las em relações socialistas de produção. Ou seja, a propriedade privada e monopolista dos meios de produção deverá assumir a forma de propriedade coletiva dos meios de produção. Essa transformação virá por meio da revolução proletária. A fração revolucionária se constituirá defendendo as reivindicações elementares do proletariado e combatendo todas as medidas que afetam as condições de sua existência. É assim que se desenvolverá o programa estratégico da revolução e ditadura proletárias. Sem essa defesa, a fração classista se adaptará às pressões da burguesia e renunciará ao trabalho de elevação da consciência e organização revolucionárias.

São Paulo

## Em defesa do Boletim Nossa Classe

Durante a entrega do Boletim Nossa Classe na Mercedes, no dia 29 de abril, um diretor do sindicato metalúrgico do ABC, ao tentar arrancar o Boletim de uma companheira, a feriu no peito. Esse diretor já havia tentado agredir outros companheiros do POR durante a distribuição do Boletim. Primeiro, começa com uma provocação e ameaça. Depois, parte para a agressão física. Os militantes do Partido Operário Revolucionário evitam entrar em confronto físico com o burocrata sindical.

O método da provocação e do ataque voltado a destruir o Boletim Nossa Classe e a inviabilizar a sua distribuição aos operários é

oposto ao da democracia sindical. O sindicato tem a Tribuna Metalúrgica para se defender politicamente diante das críticas que o Boletim Nossa Classe desenvolve na condição de opositor à política de conciliação de classes, aos acordos que prejudicam os operários (PDV, Banco de Horas, Lay-off etc.) e a eliminação da democracia operária. A utilização do método da agressão indica o temor da direção sindical diante das críticas do Boletim Nossa Classe, que tem se tornado em um canal e porta-voz do descontentamento da base operária. A militância porista já sofreu inúmeros ataques, sem que recorresse ao mesmo método que é estranho à democracia sindical.

É importante que as direções sindicais que ainda não chegaram ao ponto de aplicar o método burocrático-autoritário aos opositores e que se mantêm no campo da defesa do programa de reivindicações dos explorados saiam em defesa da democracia sindical condenando mais esse ataque de um representante da direção do Sindicato Metalúrgico do ABC.

Sabemos perfeitamente que serão os próprios operários que defenderão e imporão a sua democracia, que se opõe completa-

mente as formas burguesas que em palavras recorrem à democracia, mas que nos fatos cerceiam a liberdade da luta coletiva dos explorados contra os exploradores. Sabemos também que a classe operária está em atraso na luta por conquistar suas próprias liberdades políticas e a sua democracia sindical. Nossa luta em defesa do Boletim Nossa Classe é parte de uma tarefa maior de emancipar a classe operária da dominação burguesa e assim libertar seus sindicatos da burocracia autoritária.

Rio Grande do Norte

## Governo federal mantém reajuste zero para o funcionalismo. Greve na educação federal avança

Com a chantagem do “Termo de Compromisso”, que condiciona a concessão do reajuste dos benefícios (auxílio alimentação, saúde e creche) à aceitação pelas entidades sindicais da dissolução da mesa geral de negociação, o governo de frente ampla burguesa de Lula agora se viu na vantagem de negociar a recomposição salarial com cada categoria em separado nas chamadas “mesas específicas”.

Na educação federal, que envolve as universidades e institutos federais, há duas mesas específicas: a dos técnico-administrativos, que conta com a participação da Fasubra e Sinasefe, e a dos docentes, em que participa o Sinasefe, o Andes e o sindicato biônico Proifef. Após a deflagração da greve dos docentes universitários, que completou o quadro grevista na educação federal e efetivamente tem interrompido as aulas, a diretoria do governo está sendo a de acabar inicialmente com a greve dos docentes, para em seguida impor um mísero reajuste para os técnico-administrativos.

É nesse sentido que, no dia 19, ocorreram as duas mesas específicas, uma pela manhã e outra pela tarde. Para ambas, no entanto, o governo apresentou a mesma contraproposta: manutenção do reajuste zero em 2024, 9% em 2025 e 3,5% em 2026. Essa nova proposta pouco se diferencia da anterior, que era 0% em 2024, 4,5% em 2025 e 4,5% em 2026. Quanto à reestruturação das carreiras, salvo algumas mínimas concessões, também não houve avanço. As contrapropostas do governo, vista inclusive como desrespeitosa pelas bases, foi rejeitada por ampla maioria pelas assembleias, e aprovada a continuidade da greve. O fato é que, nem de longe a contraproposta atende às reivindicações de recomposição salarial, que são de 34,32% (em três parcelas) para os técnico-administrativos e 22,71% (em três parcelas) para os docentes.

O governo alega não haver mais espaço no orçamento para concessão de reajuste em 2024, embora, recentemente tenha sido anunciada uma brecha orçamentária de 15 bilhões. Nesse sentido, ainda não foram marcadas novas mesas de negociação. Por outro lado, no dia 25 de abril, numa vergonhosa cerimônia junto ao Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI), o Sinasefe e a Fasubra assinaram o “Termo de Compromisso”, divulgado pelas entidades como um termo de “reajuste dos benefícios”, omitindo a anulação da mesa geral de negociação na discussão da recomposição salarial, numa clara tentativa de omitir sua capitulação à chantagem do governo.

A greve dos docentes e técnico-administrativos tem despertado, em certa medida, também o movimento estudantil para a luta, que tem se movido em torno às condições de ensino e permanência, e destacado com mais ênfase a bandeira comum da recomposição orçamentária das IFES que, no caso das universidades, conta com uma defasagem de cerca de 150% e relação ao ano de 2013.

A incorporação do movimento estudantil de forma organizada, para que passe a assumir o protagonismo da luta, é a condição necessária para cimentar a unidade da greve dos docentes e técnicos, evitando que se dissolva em saídas corporativistas, e para que avance, portanto, para uma luta mais geral em defesa dos salários, da recomposição do orçamento das universidades e institutos e demais reivindicações. Essa via encontra obstáculo na política imobilista das direções de DCEs e CAs, mas principalmente no imobilismo e governismo da UNE, que impede que o movimento estudantil atue de forma organizada em um comando nacional de greve estudantil e imponha ao governo federal, junto com as entidades sindicais, a negociação da recomposição orçamentária das instituições de ensino.

Por fim, são tarefas imediatas do movimento: 1) ampliar e consolidar a greve do ANDES, junto às greves da FASUBRA e SINASEFE; 2) fortalecer a pauta da recomposição orçamentária das IFES, combinada com a propaganda do financiamento integral da educação pelo Estado; 3) impulsionar a greve estudantil, a partir da deflagração da greve nas assembleias por curso e assembleia geral, com construção de uma pauta de reivindicações pelas condições de ensino, permanência e recomposição do orçamento; 4) impulsionar a unidade dos estudantes, docentes e técnicos, com assembleias e atos unificados, e a constituição de comandos unificados; 5) combinar a luta da educação federal com as bandeiras gerais como o fim do arcabouço fiscal (novo teto de gastos), abaixo a reforma administrativa, revogação das contrarreformas e não pagamento da dívida pública.

A luta da educação federal deve ser o ponto de partida de uma luta mais geral junto à classe operária e demais oprimidos. Para que seja rompido o isolamento desta e de outras lutas, é preciso que as direções dos sindicatos e centrais constituam a unidade em defesa de uma plataforma única de reivindicações, e organizem a luta nacional pelos salários, empregos e direitos.

**O Boletim Nossa Classe é elaborado e distribuído pelo Partido Operário Revolucionário (POR). Só depende das contribuições da classe operária. Seu objetivo é organizar a lutados explorados em defesa das suas condições de existência, pelo fim do capitalismo e construção da sociedade socialista.**

Rondônia

## Greves dos servidores públicos federais

A greve na Universidade Federal de Rondônia tem crescido em adesão em todos os segmentos de docentes, estudantes e técnicos. Dos 8 campi da universidade, apenas dois das cidades de Cacoal e Presidente Médici que ainda não aderiram à greve. Por outro lado, a adesão ao movimento da greve não está acompanhado com o crescimento da participação às assembleias, e também carece de atividades de mobilização, com manifestações de rua dos três setores da universidade.

As assembleias precisam ser organizadas orientadas por pautas que não apenas apresentem informes específicos da greve, mas que vinculem a apresentação dos pontos da pauta a análise de conjuntura. As análises nos ajudam a compreender a importância das reivindicações em cada ponto de pauta e o quanto a conquista das reivindicações é importante para todos os segmentos da universidade.

As deliberações mais recentes tiradas a partir do comando Nacional de Greve foi a de que no período de 29 a 02 de maio fossem realizadas assembleias gerais nas seções sindicais de cada estado, frente a rejeição pela maioria das assembleias de base da contraproposta do governo.

Assim, o Comando Nacional de Greve (CNG) DO ANDES-SN, construiu uma nova proposta. Adunir realizou assembleias híbridas em todos os campi em greve no dia 30/04, que debateu a seguinte proposta indicada pelo CNG:

“1) sobre o orçamento: indicou que deve promover luta unitária com outros setores de trabalhadores(a)s e estudantes pela recomposição de investimentos às Universidades, Institutos e CEFETs, tomando por parâmetro os investimentos de verbas de uso discricionário de 2016, com as devidas correções inflacionárias, garantindo investimentos em estrutura, permanência estudantil, bolsas de pesquisa e extensão e outras condições indispensáveis à qualidade do trabalho;

2) sobre a carreira: tomada a compreensão de que a majoração dos steps, pura e tão somente, gera mais distorções do que soluções à carreira, haja vista que incide em desenho de carreira distorcida e que merece reorganização estrutural; e avaliando que a questão de carreira comporta reflexões e acúmulos de maior fôlego, projetando uma agenda de debates mais extensa sobre a matéria. Encaminhamento: Insistir em uma resposta quanto a re-

organização da carreira a partir dos 7 pontos costurados com o SINASEFE e estabelecer uma agenda mais alongada sobre o tema. Proporcionar uso dos impactos orçamentários pela majoração em 0,5% dos steps na recomposição remuneratória da base da carreira, minorando distorções entre o piso e base da mesma.

3) sobre a recomposição de salários: o Comando Nacional de Greve propõe que se mantenha a defesa do índice de 22,71% como parâmetro de recomposição, mas vinculada a da necessidade de apresentação de um índice de recomposição em 2024 e aceitar a proposta de índice apresentado para 2025 (9% em janeiro) e por fim, “recombinar índices<sup>1</sup>, garantindo em 2024, 2025 e 2026 o índice total de 22,71% de recomposição.

4) sobre a aposentadoria: persistir na defesa da paridade e integralidade de salários e direitos entre ativos e aposentados;

5) sobre revogação quanto ao salário, continuar a defesa de pagamento retroativo de todas as perdas que foram determinadas pela Instrução Normativa SGP/SEDGG/ME nº 66, de 2022 e da Portaria nº 983/2020, do MEC e exigir resposta as demais reivindicações relacionadas as revogações que foram levadas para a Mesa Nacional de Negociação Permanente (MNNP).

A assembleia local se limitou na discussão meramente economicista desta pauta longa indicada pelo comando nacional, para votação e retomada de cansativas mesas de negociações que embroma o tempo todo e termina nos limites dos interesses do governo Lula.

A militância da Corrente Proletária da Educação/POR critica as assembleias de greve na forma virtual (híbrida) e as discussões puramente economicistas. Defende que as assembleias organizem a mobilização coletivas dos três setores e que discuta problemas gerais, como o genocídio do povo palestino, e a participação nos atos em defesa da autodeterminação das nações oprimidas. Os exemplos dos estudantes norte-americanos e franceses são fundamentais para combater a política das direções de realizar greves passivas e corporativas. Por outro lado, ressalta a importância da construção de uma oposição classista, para impulsionar o descontentamento daqueles que comparecem as assembleias e percebem os ziguezagues impostos pelas lideranças sindicais que se apoiam nas mesas de negociações.

Ceará

## Balanco das lutas do magistério, Detran e estudantes

A greve nacional dos docentes e técnicos das universidades federais e IF coincidiu, no Ceará, com as lutas dos docentes das universidades estaduais, do Detran, dos professores estaduais e dos estudantes do curso de teatro da UFC. Enquanto prosseguem as greves dos primeiros, o encerramento de parte da luta dos segundos, permite a formulação de um breve balanço das conquistas e derrotas.

No Detran, a greve foi encerrada após 21 dias com conquistas importantes. Pesou em favor dos grevistas a firmeza da paralisação e a repercussão negativa da repressão policial ao piquete do Castelão. Reagindo à decisão da chefia do Detran de contratar avulsos para realizar vistorias veiculares no lugar dos servidores em greve e fora centro administrativo (bloqueado pelos grevistas), a categoria realizou um piquete que foi atacado com violência pelo batalhão de choque da PM. Elmano não teve como contornar mais esse desgaste, além da pressão anterior da paralisação que impu-

nha prejuízos econômicos aos capitalistas. A categoria arrancou a incorporações das antigas gratificações ao salário, a criação de nova gratificação a ser implantada em 3 parcelas, o fim das multas sobre o sindicatos, a anistia aos participantes da greve e o compromisso do governo em regulamentar o PCCS parado desde 2019. A enorme vitória obtida não teria sido possível sem a greve e a unidade férrea da categoria.

Na rede estadual, a campanha salarial foi encerrada na assembleia do dia 19/04, após um esforço hercúleo do governo do estado e burocracia sindical para derrotar a categoria. Após a fúria do professorado no dia 04/04, a direção do sindicato criou um gabinete antigreve em estreita ligação com a SEDUC para impedir o risco de greve. Por seu tamanho e peso, a greve do magistério estadual traria um desgaste ainda maior que as demais em curso. A Apeoc dividiu a categoria em 36 assembleias regionais (por vários municípios do interior e sem o alcance da oposição) e impôs um

sistema de fraudes descaradas com direito a votos de funcionários, professores municipais e tecnocratas da Seduc. Por 3.196 votos contra 2.429 e 109 abstenções, a burocracia da Apeoc e governo Elmano safaram-se da greve e impuseram o reajuste de miséria sem retroativo.

Entre os estudantes da UFC, os alunos do curso de Teatro que aproveitaram a greve docente e de técnicos para impulsionar a ocupação do prédio do Teatro Universitário (TUPA) conquistaram a maioria de suas reivindicações após três semanas de luta. A ação coletiva e os métodos da ação direta permitiram arrancar da Reitoria o compromisso com a reformar o espaço e o financiamento as atividades do curso e apresentação de espetáculos.

O triunfo parcial obtido pelo setores em luta no último período

reafirmam que não há outro caminho para a defesa das condições de vida das massas senão o enfrentamento aos governos e à burguesia com unidade, firmeza e ação direta. A derrota parcial dos professores, por sua vez, restringiu-se ao campo econômico. A burocracia da Apeoc nunca saiu tão enfraquecida de uma campanha salarial; ao passo que a oposição tomou um impulso decisivo para sua reorganização e preparação para os enfrentamentos futuros.

A tarefa fundamental em todos estes episódios de confrontos grevistas é a de construir o partido marxista-leninista-trotskista e impulsionar o desenvolvimento de uma fração revolucionária no seio dos sindicatos. O POR convoca a vanguarda consciente a combater as burocracias e a resgatar as organizações de massa dos oprimidos para a política de independência de classe.

São Paulo

## Intervenção da Corrente Proletária nas escolas, no Conselho e na assembleia da Apeoesp

As semanas que antecederam o dia 26 de abril, os militantes da Corrente Proletária/POR estiveram nas escolas para discutir com os professores a paralisação. Divulgaram as posições contidas no Boletim e mostraram a importância da defesa da greve contra as duras medidas de Tarcísio.

Os governos há anos vêm dividindo o professorado. Hoje 54% do professorado é contratado, vivendo diariamente a ameaça de perda das aulas ou de contrato. A outra parcela é constituída de efetivos e uma minoria é de professores categoria F, que possui uma miserável estabilidade de 10 horas semanais e recebe um salário mínimo. Estão, assim, obrigados a completar a jornada, disputando com os contratados nas atribuições de aulas. De conjunto, trata-se de um professorado empobrecido e submetido aos ataques do governo.

Uma parte significativa dos professores nunca fez uma greve. Trata-se de uma juventude que terminou a graduação após 2015, quando ocorreu a última greve. Outro contingente é oriundo da graduação por meio do ensino a distância, e não vê importância se filiar ao sindicato e participar coletivamente das assembleias. Por isso, acaba incorporando o discurso de diretores e coordenadores de que os contratados não podem se integrar ao movimento dos professores, inclusive se filiar ao sindicato.

O trabalho de visita às escolas é fundamental, para que as ideias classistas e de luta alcancem essa maioria de docentes. No entanto, os obstáculos são grandes. De um lado, os planos privatizantes e a truculência do governo Tarcísio, de outro a direção da Apeoesp, extremamente burocratizada e servil ao governo Lula. Sem dizer da maioria das direções de escolas, que são porta-vozes da política do governador, que dificultam a presença de comandos de mobilização e reuniões com os professores. Quebrar esses bloqueios é uma tarefa difícil, mas extremamente necessária para potencializar a luta contra o governo ultradireitista.

O Boletim de convocação da assembleia trazia as reivindicações centrais para a aprovação da greve: efetivação dos professores contratados; reposição das perdas salariais; abertura das salas e turnos fechados e redução do nº de alunos por sala, para que haja emprego a todos.

### Reunião do Conselho Estadual

A reunião ocorreu no período da manhã do próprio dia 26. A direção já trouxe as propostas aprovadas pela diretoria de rejeição

à greve. Limitou a intervenção das correntes defensoras da greve a dois minutos e, como tem maioria no Conselho, aprovou o seu calendário, que incluía um boicote ao uso das plataformas digitais por uma semana.

Nessa reunião, a Corrente Proletária defendeu a proposta de greve e do 1º de Maio na Praça da Sé, se opondo ao 1º de Maio governista das centrais.

### Assembleia em frente à Secretaria da Educação

A assembleia contou com 10 mil professores. Uma boa parte do interior do estado. A direção leu as propostas aprovadas no Conselho e abriu dois pontos de discussão: 1) a defesa da greve a partir do dia 26; 2) e a do calendário do Conselho. Diferente do que foi acordado no Conselho, a burocracia da Apeoesp determinou três intervenções para cada proposta. O acordo era de que todas as correntes teriam o direito de se expressar. A Corrente Proletária conseguiu fazer a defesa da greve, juntamente com o PSTU e..... A deputada Maria Isabel, vice presidente da Apeoesp, teve dificuldade de expor a proposta, em função dos gritos dos professores de "Fora Bebel". Preciso repetir a votação, porque a assembleia estava dividida. Na segunda votação, a diretoria anunciou o resultado contrário à greve.

O outro ponto foi sobre o 1º de Maio. A defesa do 1º de Maio com Lula foi feita pelo representante da CUT e a da Praça da Sé, pela Corrente Proletária. Sem fazer a votação, a diretoria anunciou a aprovação do 1º de Maio no Itaquêrão.

### Balancão das eleições na APEOESP (2023)

A Oposição Unificada Combativa - Chapa 2 obteve uma importante vitória política diante da chapa governista do PT e aliados, inclusive setores que eram da Oposição e capitularam à Chapa 1!

**LANÇAMENTO!**  
**Adquira já com o distribuidor do Massas por apenas R\$ 5,00**



**Conclusão**

Após a assembleia, a Corrente Proletária retomou o trabalho junto aos professores, com o Boletim de avaliação e continuidade da luta em defesa da greve. A campanha internacionalista pelo fim das guerras de dominação e defesa do povo palestino fez parte dos boletins distribuídos nas escolas e, agora, no de avaliação. Também fez parte de ambos os boletins a solidariedade ativa à greve dos servidores federais. Eis o boletim que está sendo discutido nas escolas:

**Que os sindicatos e movimentos se coloquem verdadeiramente em defesa do povo palestino**

**Toda força aos atos contra o genocídio praticado pelo Estado sionista de Israel**

Os estudantes norte-americanos têm protagonizado manifestações massivas em defesa dos palestinos e exigem que o governo Biden deixe de financiar a matança promovida por Israel. Em outros países, trabalhadores e estudantes estão ganhando as ruas. No Brasil, vêm ocorrendo atos quase que semanais, mas ao invés de ganhar força, estão cada vez mais reduzidos. Isso por que as entidades estudantis não se esforçam para convocar a juventude; as direções sindicais se limitam a discursos contra o massacre, mas não movem um dedo sequer para organizar os operários, camponeses e trabalhadores em geral para as manifestações convocadas pelo Comitê pró-Palestina. A Apeoesp, maior sindicato da educação, não faz um trabalho junto às escolas para que os professores e funcionários participem ativamente dos protestos. Reproduzir o que vem ocorrendo em outros países é um dever de uma direção classista e de luta.

O que estamos assistindo é o avanço das guerras de dominação na Ucrânia e Faixa de Gaza, sobretudo. Os Estados Unidos e aliados, por meio de seu braço armado, a OTAN, são os responsáveis pelo crescimento da escalada militar em todo o mundo. E é sobre as nações oprimidas e os trabalhadores que são descarregadas as consequências catastróficas das guerras. Está aí por que não é possível ficar à margem e não se colocar contra a opressão nacional e o genocídio de um povo, como ocorre na Palestina.

A Corrente Proletária chama os trabalhadores da educação e os estudantes para os atos em defesa do povo palestino e pelo fim da guerra na Ucrânia. Levanta a bandeira da unidade dos explorados contra as guerras de dominação e pela autodeterminação das nações oprimidas.

**10 mil professores se concentraram em frente à Secretária da Educação Exigiam a abertura de salas fechadas, efetivação dos professores contratados, fim da farsa da plataformação e reposição das perdas salariais**

A massiva assembleia do dia 26 de abril terminou dividida entre os que apoiavam a proposta da diretoria da Apeoesp e os que defendiam a greve. Foi uma assembleia extremamente controlada pela burocracia dirigente, que impediu que professores de base

pudessem se expressar no carro de som. Determinou três intervenções a favor e três contra e, rapidamente, submeteu as propostas à votação. Precisou aferir por duas vezes os votos, para anunciar a proposta vencedora de não-greve. Sob protestos, a direção leu o calendário, que não passava de um banho de água fria à disposição de luta do professorado.

O mais surpreendente foi a proposta de “greve às plataformas digitais”. Uma invenção que nada tem a ver com greve. Ao contrário, trata-se de um boicote individual dos professores, de não utilização das plataformas por uma semana. Como se fosse possível individualmente enfrentar a pressão das direções de escolas, que diariamente ameaçam os professores que fazem pouco ou nenhum uso das plataformas digitais do governo.

Fez parte do calendário de não-greve, a marcha à Brasília no dia 22 de maio, conforme decisão da CNTE e uma nova assembleia para 24 de maio.

Na assembleia, professores levantaram faixas e cartazes com as reivindicações vitais: abertura das salas fechadas, fim das plataformas de Tarcísio/Feder, estabilidade aos professores da categoria O e reajuste salarial. No entanto, a direção da Apeoesp e correntes aliadas se limitaram a ler uma lista infindável de reivindicações.

Fazer um balanço dessa experiência negativa é fundamental. A Corrente Proletária retorna aos comandos nas escolas para avaliar a política de dar mais trégua ao governo Tarcísio, que continua atacando por todos os lados a educação pública e as condições de existência do professorado. E mostrando que somente a força coletiva dos trabalhadores poderá enfrentar a ofensiva de privatização e a eliminação das conquistas, desfechadas pelo governo ultradireitista de Tarcísio.

**Quanta submissão das direções sindicais ao governo!**

Outro problema ocorrido na assembleia dizia respeito ao 1º de Maio. A direção da Apeoesp, de tanto a Corrente Proletária insistir, abriu uma intervenção para o 1º de Maio na Praça da Sé. Nesse momento, os professores puderam assistir o grau de submissão da grande maioria das centrais e sindicatos ao governo Lula. Duas posições foram defendidas: a da política burguesa de realizar o ato com Lula e outros partidos burgueses. Um ato com “prestação de serviços” e show musical no Itaquerão; e o ato de independência dos sindicatos e movimento diante dos governos e da política burguesa. Um ato contra o genocídio do povo palestino e pelo fim da guerra de dominação na Ucrânia. Portanto, um ato em defesa do programa de reivindicações dos explorados e seu método de luta, na Sé. A burocracia recusou colocar em votação e encaminhou juntamente com o calendário da não-greve.

Esse ponto foi importante, porque separou a política dos burocratas que submetem as organizações dos trabalhadores ao governo burguês de Lula



da política da vanguarda com consciência de classe, que vê o 1º de Maio como expressão da luta histórica do proletariado mundial contra a classe capitalista. Coube à Corrente Proletária essa colocação tanto no Conselho como na assembleia.

A Corrente Proletária chama a atenção dos professores para acontecimentos como esse. E enfatiza a importância da luta democrática pela independência dos sindicatos diante dos patrões e governos.

## Não esmorecer com os resultados negativos da assembleia É com a greve que enfrentaremos os governos e impostemos as reivindicações

Nesse período de um mês até a próxima assembleia de 24 de maio, o trabalho de fortalecer os comandos de visita às escolas e as reuniões de representantes de escolas é fundamental. Apesar da direção da Apeoesp e aliados só defenderem nova assembleia para o final do mês, a tarefa da vanguarda combativa é a de continuar a mobilização. Embora em condições mais difíceis, porque favoreceu os planos de Tarcísio, que ganhou mais tempo para continuar com os ataques aos trabalhadores de educação e estudantes.

### Rondônia

## Burocracia quebra a disposição de luta dos trabalhadores da educação

No dia 22/04, burocracia do sindicato conseguiu quebrar, mais uma vez, a disposição de luta dos trabalhadores. Para isso, usou uma contraproposta indecente apresentada para a secretaria de Educação. Proposta essa que, “direciona para que inicie as negociações com o aumento na gratificação de docência no valor de R\$1.200 e na gratificação de unidade escolar para R\$500, com efeito financeiro a partir de junho de 2024”. O Sintero, agregou outras reivindicações, como o tal plano de valorização da categoria.

Segundo a burocracia do sindicato, inicia-se agora, novas negociações entre o sindicato e a SEDUC, mas já tendo o mínimo estabelecido para conversar. Coisa que jamais irá acontecer.

Uma parcela dos trabalhadores descontente com a conduta costumeira da burocracia traidora rechaçou essa manobra, sendo que já havia a deliberação de iniciar a greve no dia 22, inclusive já tardia depois de vários meses de enrolação. A cada ano, nos mo-

É nesse terreno, tendo de enfrentar um obstáculo em nosso meio e o governo ultradireitista, que a Corrente Proletária continua defendendo a greve, porque essa é a única arma coletiva dos trabalhadores para derrotar a ofensiva dos governantes.

## Todo apoio à greve dos servidores federais

Os servidores federais das universidades, professores e técnicos, estão em greve contra a política de arrocho salarial e eliminação de direitos do governo Lula. A greve na rede estadual de São Paulo seria o apoio efetivo de uma categoria de mais de 200 mil professores. Permitiria travar um combate à aprovação do Novo Ensino Médio e obrigaria o governo Lula a responder uma reivindicação vital dos estudantes e professores de todo o país. Ficou claro que as direções sindicais estão fazendo de tudo para que não ocorra um movimento massivo da educação contra o governo Lula.

A solidariedade efetiva à greve dos servidores federais deve se dar, agora, com a retomada da mobilização nas escolas, visando a greve na rede estadual, que tem como um das reivindicações a revogação da reforma do ensino médio. Esse é o trabalho da militância da Corrente Proletária.

mentos de greve, seja para enfrentar o governador ou prefeito, a rotina é a mesma: mesas de negociações que embromam, para ir jogando um balde de água fria na disposição de luta dos trabalhadores. Com isso, as assembleias se esvaziam e, assim, a direção traidora coloca a responsabilidade de não decidir a greve aos trabalhadores da educação.

A militância da Corrente Proletária da Educação/POR reafirma a necessidade da construção de uma oposição classista e de luta. Os trabalhadores, isoladamente, não têm como enfrentar a política traidora dos burocratas sindicais. A fúria dos trabalhadores contra as manobras da burocracia necessita ser transformada em organização de um polo oposicionista. Caso contrário, a burocracia continuará impondo sua política de enrolação. E os sindicatos, que são organismos criados pelos trabalhadores, em instrumentos da conciliação de classes, que só beneficia a política burguesa dos governos.

### Rio Grande do Sul

## Ato pela campanha salarial dos professores se transforma em palanque eleitoral através do “Fora Leite”

Marcado desde a assembleia geral do dia 22/03/24, ocorreu na quarta-feira, 24/04, o ato “com as pautas salariais dos professores e funcionários”, convocado pelo CPERS/Sindicato e construído junto com o FSP- Frente dos Servidores Públicos do RS.

Com baixíssima mobilização de professores, contando principalmente com núcleos de Porto Alegre e região metropolitana, e presença quase nula de caravanas do interior do estado, o ato foi composto majoritariamente pelas demais categorias representadas na FSP/RS, tendo como principal denúncia a “má gestão de Eduardo Leite”, com a pauta do arrocho e reposição salarial sendo encoberta pela solução mágica do “Fora Leite”.

Além do divisionismo e o consequente enfraquecimento dos professores e dos agentes educacionais de infraestrutura e alimentação, com as campanhas divididas em duas datas distintas, a pauta salarial e o indicativo de greve estão paulatinamente sendo abandonadas pelo sindicato para dar lugar à campanha eleitoral em torno às eleições municipais, associando Eduardo Leite (PSDB) à Sebastião Melo (MDB), prefeito de Porto Alegre. Mote eleitoral que unifica direção do CPERS (PT) e “oposição”, constituída principalmente por correntes do PSOL. Sem contar o caráter eleitoral do “Fora Leite” e a denúncia de “má gestão”, criando os lastros junto à categoria de uma eventual candidato petista para a próxima eleição a governador.

Como mais um indício do abandono da campanha salarial, a próxima data de mobilização apresentada pelo sindicato, 10 de maio, é de uma nova assembleia geral, dessa vez com pauta única, a reforma estatutária do sindicato, modificando a atual composição da diretoria de 15 para 21 membros. Mais uma manobra da direção, típica da burocracia sindical, para dificultar a oposição e se perpetuar à frente do sindicato.

A Corrente Proletária na Educação segue denunciando os métodos burocráticos da direção do CPERS/Sindicato e na defesa da realização de uma Assembleia Geral da categoria para discutir os

métodos e as bandeiras de luta de maneira soberana. Sobre a base da democracia operária, construir uma verdadeira campanha salarial com independência de classe, livre dos interesses eleitorais das direções. As assembleias presenciais, as reivindicações absolutamente claras, a organização pela base, a unidade grevista e a constituição de uma direção subordinada às decisões coletivas constituem as diretrizes do Partido Operário Revolucionário e da Corrente Proletária da Educação.

## São Paulo

### **Debate na UFABC: 60 anos do golpe militar**

Como parte da Agenda de Greve dos TAEs da UFABC, em 18 de abril ocorreu, no campus São Bernardo do Campo, o debate sobre os 60 anos do golpe militar, contando com a participação do POR e da UP.

Em sua exposição, a militante do POR destacou as bases materiais e raízes históricas dos golpes, mostrando que resultam do capitalismo apodrecido, assim como a fome e as guerras. Expôs o papel da burguesia e, em particular, da burguesia imperialista, na gestação do golpe no Estado brasileiro. Contextualizou as disputas no período pré golpe entre as frações burguesas nacionalista (PTB) e pró-imperialista (UDN), e o papel reacionário desempenhado pela Marcha da Família com Deus e pela Liberdade, ressaltando o caráter obscurantista e privatista das Igrejas, ontem e hoje. Esclareceu que o fortalecimento da direita ocorre por bases materiais e não ideológicas. Exemplificou medidas autoritárias aplicadas no regime, como o fechamento de sindicatos e partidos, caça aos comunistas, perseguição de professores, prisões arbitrárias etc. Estabeleceu uma crítica à tática dos focos de resistência (foquismo de inspiração castro-guevarista) que levou diversas lideranças operárias à morte e ao esfacelamento das organizações de esquerda,

gerando um longo período para a reorganização do movimento operário. Por fim, denunciou o acordo do governo Lula com as Forças Armadas para se calarem diante dos 60 anos do golpe.

O representante da UP falou da aliança das Forças Armadas com as elites do país e do caráter entreguista da burguesia. Lembrou da ascensão das greves e das lutas pelas reformas de base no período pré-golpe, mostrando o papel dos Estados Unidos em apoiarem o golpe para evitar o crescimento do movimento popular. Denunciou os crimes da ditadura, como os assassinatos e ocultações de cadáveres, reivindicando a Luta por Memória, Verdade, Justiça e Reparação por meio da Comissão Nacional da Verdade. Falou da permanência de grupos de extermínio criados na ditadura, como a ROTA, e denunciou a falta de punição dos golpistas de ontem e de hoje, reivindicando a prisão para Bolsonaro e milicianos.

Ressaltamos a importância política do debate tanto pela conjuntura nacional, marcada pelas tendências golpistas, quanto local, já que a Reitoria promoveu um evento sobre a ditadura com a participação da ADUFABC e do DCE, mas sem o SinTUFABC.

## Palestina

# **Intervenção do POR nos atos contra o genocídio na Faixa de Gaza**

## **São Paulo - ABC**

### **Ato em defesa da Palestina em São Bernardo do Campo**

Organizado pelo Comitê Regional Unificado do ABC em Defesa da Palestina, o ato ocorreu no dia 27 de abril com concentração na Praça Lauro Gomes e caminhada até a Praça da Matriz. Tratou-se de um ato de vanguarda, com a presença de cerca de 100 manifestantes. Apesar de não ter havido esforço das direções estudantis e sindicais em convocar as bases a manifestação, o Ato permitiu levantar as bandeiras de fim do genocídio na Faixa de Gaza, pela autodeterminação do povo palestino e denunciar o imperialismo pela opressão nacional. Um exemplo de corpo mole é o da UP que, apesar de dirigir algumas entidades na região, sobretudo no movimento estudantil (ARES, UFABC, Unifesp etc.), enviou uma pequena representação.

A organização da manifestação esteve prejudicada em função da ausência de centralização político-organizativa. Há diversos

comitês e grupos de comunicação e as reuniões não foram divulgadas de forma ampla e antecipada. Dessa maneira, o ato foi convocado para a mesma data em que se previa o Encontro do Comitê Regional Unificado do ABCDMRR Contra o Aumento das Passagens e, às vésperas do ato, diversas organizações de orientação governista, como sindicatos regionais, a FEPAL e o MTST retiraram a assinatura do manifesto conjunto. Isso porque o manifesto declarou: “é preciso que o Brasil corte todas as relações e acordos com Israel e use seu prestígio internacional, influenciando que mais países rompam com Israel para que não suje suas mãos de sangue como fazem Tarcísio e Caiado e, principalmente, os EUA, sob pena de cumplicidade com esse genocídio”.

Durante a manifestação, houve uma série de expressões corporativistas e eleitoreiras, como as afirmações de que cada um

escolhe seus candidatos nas eleições e em qual ato participará no 1º de Maio. Em sua grande maioria, as intervenções se limitaram às denúncias do genocídio, porém sem apontar uma saída política, de classe.

O POR interveio com seu manifesto, bandeiras, cartazes, banca de materiais, e intervenção no carro de som. Em seu pronunciamento, destacou a matança provocada pelo Estado sionista de Israel; a responsabilidade do imperialismo estadunidense, que financia guerras de dominação mundo afora; o direito de defesa do Irã, nação oprimida, contra o ataque do Estado sionista, enclave imperialista no Oriente Médio; as respostas do povo palestino e das massas mundialmente, destacando as recentes manifestações estudantis pró-Palestina nos Estados Unidos e na França; a necessidade da unidade dos explorados para destruir a máquina de guerra imperialista e constituir a Frente Única Anti-imperialista; a importância de um Primeiro de Maio de luta, classista e internacionalista, que se coloque contra o genocídio do povo palestino, defendendo a participação no Ato da Praça da Sé, pelo seu caráter independente, classista, internacionalista e histórico, contra o divisionismo.

Manifesto do POR distribuído no ato

## **Israel ataca o Irã: Mais uma ação do sionismo para que a guerra na Faixa de Gaza transborde ao Oriente Médio**

*Os Estados Unidos e sua aliança imperialista são os grandes responsáveis pela escalada militar*

*Estudantes nos EUA e França protestam nas universidades em defesa dos palestinos:*

*É preciso fortalecer a luta contra o Estado Sionista em toda a América Latina para colocar um fim imediato e permanente à guerra! É preciso levantar os explorados de todo o mundo em uma frente única anti-imperialista!*

Já se passaram mais 6 meses de ocupação militar na Faixa de Gaza. São mais de 34 mil mortos, sendo a maioria de mulheres e crianças, milhares de desaparecidos e mutilados e uma multidão de famílias que corre de um lado ao outro para receber uma ração “humanitária”, que mal garante a existência. Os Palestinos da Faixa de Gaza foram transformados em animais encurralados, não tendo para onde correr, se esconder ou se socorrer (os hospitais

foram atacados e destruídos e muitos médicos assassinados). A infraestrutura da Faixa de Gaza está arrasada. Esse é custo do plano do governo de Netanyahu, que planejou a intervenção militar para longa duração sob a meta de varrer o Hamas a qualquer custo.

Em 1º de abril, as forças israelenses bombardearam a embaixada do Irã na Síria, assassinando importantes comandantes militares iranianos. Assim, Israel realizou o mais grave ataque do ponto de vista do rompimento dos limites da guerra na Faixa de Gaza. Mais uma vez, o governo de Netanyahu declarou guerra à Síria e ao Irã.

O governo do Irã se viu empurrado a dar uma resposta. A nuvem de drones e alguns mísseis disparados em direção a Israel não tiveram por objetivo atingir militarmente o inimigo. O Irã avisou que faria a demonstração de forma que Israel e a aliança imperialista dos Estados Unidos poderiam dissipar o ataque iraniano. No entanto, refletiu os riscos de a guerra na Faixa de Gaza se transformar em uma guerra com o Irã. Esse é o grande objetivo do estado sionista.

O Irã emergiu como alvo principal pelo lugar de destaque na crise do Oriente Médio. O seu protagonismo na guerra civil do Iêmen e a retomada de sua influência sobre o Iraque permitiram sustentar o apoio aos movimentos islâmicos que se contrapõem ao domínio de Israel sobre a Palestina e ao seu expansionismo.

Israel se prepara desde o fim da ditadura do xá Mohamed Reza Pahlevi, para derrubar o regime nacionalista do Irã. O que implica a possibilidade de uma guerra. Desde o início da intervenção das forças de segurança de Israel na Faixa de Gaza e o apoio dos Estados Unidos, esteve posta a possibilidade de ampliar a conflagração para o Oriente Médio. Esse foi o motivo principal de Biden enviar seus navios de guerra para a região. As respostas norte-americanas contra o apoio dos Houthis aos palestinos, atacando alvos selecionados no Iêmen e no Iraque, foram sinais de que não havia como isolar o genocídio na Faixa de Gaza dos choques que já vinham estremecendo a região como um todo.

De outro lado, vimos ao longo desses meses de 6 meses, diversas manifestações multitudinárias em diversos países contra o genocídio perpetrado pelo Estado Sionista sob a tutela dos EUA. Agora vemos protestos em diversas universidades dos EUA, que têm se projetado em contraposição ao genocídio do povo palestino. Centenas de estudantes já foram presos e a velha cartilha da acusação de “antissemitismo” tem sido largamente usada. Mas isso não tem servido para arrefecer o movimento. Na França também começaram a estourar manifestações semelhantes.

Esse ímpeto da juventude deve servir para projetar a luta nas ruas, com a ação direta em todo o mundo. Está colocada a tarefa de construir a frente única anti-imperialista que levante, unifique e dirija as massas contra os novos passos militares que podem incendiar o Oriente Médio e impulsionar as tendências à guerra mundial.

As lutas em curso no Brasil, como a greve nas universidades federais, devem se inspirar nesses protestos e levantar bem alto a bandeira do internacionalismo proletário, fazendo a defesa do povo palestino, oprimido e massacrado. Devemos também exigir que as centrais sindicais, os sindicatos e movimentos populares façam essa defesa e convoquem um dia nacional de luta. E defender que o 1º de Maio seja um dia de luta em defesa dos palestinos.

**PELO FIM IMEDIATO DA GUERRA DO ESTADO SIONISTA  
CONTRA OS PALESTINOS! PELA AUTODETERMINAÇÃO DO  
POVO PALESTINO!**

**APOIO ÀS NAÇÕES OPRIMIDAS QUE REAGEM À OPRESSÃO  
IMPERIALISTA E AO EXPANSIONISMO SIONISTA!**

**ORGANIZAR A FRENTE ÚNICA ANTI-IMPERIALISTA, SOB  
O PROGRAMA E A DIREÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA. TODA  
FORÇA À LUTA PARA DERROTAR O IMPERIALISMO!**



Nesta edição:

**Guillermo Lora**

Depoimento de Rina: Obras Completas de Lora

**EUA**

Levante estudantil tem conteúdo anti-imperialista

**Bolívia**

Entrevista: Sobre a guerra na Ucrânia e agora na Faixa de Gaza

**Argentina**

Entrevista: EUA e sua aliança imperialista: responsáveis pela escalada militar

**Trotsky**

A Guerra e a IV Internacional

Artigos das Seções  
**Comitê de Enlace  
pela Reconstrução  
da IV Internacional**



# 15 anos do falecimento de Guillermo Lora



## Sua luta pela reconstrução da IV Internacional



Depoimento

## 15 anos do falecimento de Guillermo Lora

*Publicamos como parte da campanha do POR em memória do camarada Guillermo Lora, dirigente do Partido Operário Revolucionário da Bolívia e do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) o depoimento de Rina, que foi sua companheira de vida e militância. A melhor forma de reconhecer o lugar de Lora na luta do proletariado boliviano, latino-americano e mundial é a de assimilar sua rica elaboração marxista-leninista-trotskista e seu exemplo de militante revolucionário pleno.*

*As conquistas do POR da Bolívia, fundado em 1935, são caudalosas, perpassam muitas etapas da crise do capitalismo, do processo de guerras, revoluções e contrarrevoluções. Eis por que naturalmente pavimentam a luta do proletariado e de seu destacamento mais avançado pela superação da crise de direção, que marca a luta pelo comunismo desde a vitória do termidor estalinista contra a Oposição de Esquerda marxista-leninista encarnada por Leon Trotsky. O POR boliviano cavou uma profunda trincheira de resistência ao estalinismo e ao revisionismo que se instalou na IV Internacional e que a pulverizou.*

*As Obras Completas de Guillermo Lora são uma arma poderosa na luta contra a burguesia e o capitalismo putrefatos. São imprescindíveis para a compreensão da liquidação da URSS, do processo de restauração capitalista, do avanço da contrarrevolução sobre conquistas fundamentais do proletariado mundial, das presentes guerras na Ucrânia e na Faixa de Gaza. Enfim, são imprescindíveis para levantar os partidos que encarnem o programa da revolução social e o internacionalismo marxista-leninista-trotskista.*

*O depoimento da camarada Rina, que mostra as difíceis condições em que Lora foi realizando dia a dia suas formulações intimamente vinculadas e voltadas a elevar o POR como dirigente da revolução social na Bolívia, até alcançar uma obra de 70 volumes, é de estimável valor como exemplo do que é o militante profissional no sentido da concepção leninista do Partido Bolchevique.*

*Como parte da campanha pelos 15 anos de falecimento de Guillermo Lora, o POR do Brasil, seção do CERQUI, realizará um ato político e um estudo no curso de formação Guillermo Lora, revendo as posições do POR boliviano sobre a IV Internacional. O objetivo é o de reforçar a compreensão e a luta pela reconstrução do partido Mundial da Revolução Socialista. Tarefa essa que foi abandonada pelas inúmeras correntes centristas que infelizmente ainda se reivindicam incorretamente do trotskismo.*

## **Gênese das Obras Completas de Guillermo Lora**

### **Um relato de como se originaram as Obras Completas de Guillermo Lora, quando e quem participou, como se conseguiu o financiamento de um trabalho que começou em 1994 e terminou em 2002, com a publicação de 67 Tomos sob a direção de G. Lora, para depois publicar 3 Tomos mais entre 2012 e 2015, após sua morte.**

Em 23 de julho de 1994, apareceu o primeiro tomo das obras completas de Guillermo Lora. Estas contam com 67 tomos que foram editadas em vida de Guillermo. Os outros 3 foram editados postumamente, porque são 70. Eu creio que é importante que vejamos qual foi a gênese, a história, a biografia desta magnífica obra.

No início dos anos 1990, Guillermo teve a ideia de empreender a odisséia de publicar suas obras completas. Parecia então uma coisa irrealizável, para aqueles que não o conheciam e nem conheciam a capacidade de dedicação e inteireza do autor. E o mais “irrealizável” era o problema de onde conseguir um valor tão enorme para fazer setenta tomos, e a mim pareceu uma coisa de louco. Ali começou tudo, com o pouco com que se podia contar. Na parte humana era um técnico em computação, na verdade meio técnico, porque ele sabia muito pouco de computação, uma datilógrafa, que era eu, uma designer que tampouco era designer e um gráfico que tinha poucos conhecimentos de impressão. Quanto à infraestrutura, tínhamos um computador IBM muito antigo, que funcionava com disquetes móveis, onde se arquivavam o que se ia digitando. Fora isso, havia uma gráfica com uma capacidade mínima, que quase não servia para nada e o dinheiro que sequer dava para pagar o primeiro tomo.

Esse início estava expressando de algum modo o desenvolvimento desigual e combinado do país, porque em meio a toda esta inépcia estava o artifício da obra, que representava o progresso, o mais importante do nosso pequeno grupo, que viria a ser puxado por uma locomotora, que era Guillermo.

O técnico, o camarada Raul, que após propor uma série de projetos com estilos, tamanhos de letras etc., levou-nos à conclusão, no final, de que valeria a pena escrever num programa que se chamava Word Perfect que não sei se ainda se usa, com uma fonte univers, tamanho 10.

A designer, a camarada Natalia, apresentou diferentes formatos de como seria a capa do livro, a cor etc., até chegar à que conhecemos agora e que serviu para os setenta tomos. O gráfico, que como disse, era de uma gráfica muito pequena. Então, esse foi o início do que agora conhecemos como as famosas e importantíssimas Obras Completas. Eu creio que é importante conhecer esta gênese em condições tão míseras, tão pobres.

Estive, como datilógrafa, dedicada por mais de dez anos a realizar este trabalho. A matriz do primeiro tomo, me lembro, foi levada pelo camarada Raul. Editou em algum lugar que dava para fazer à noite, assim, finalmente, saiu o primeiro tomo, que, como disse, apareceu em 23 de julho. Quanto ao dinheiro, Guillermo se pôs a arrecadar mediante assinaturas. E foi assim como saíram e se tocaram as coisas para a frente.

No começo, quando Guillermo se pôs a escrever as Obras Com-

pletas, tudo era manual. Havia que ir escrevendo letra a letra, e copiando os trabalhos. Lembro que copiei a História do Movimento Operário - a História do POR também copiamos - e mais tarde recebemos a notícia de que havia um aparelho que se chamava escâner e que poderia solucionar o nosso problema. Mas, nós discutíamos “o que será esse escâner”? Será algo que nos permitiria apenas tirar uma foto da página? Ou poderíamos introduzir alguma configuração. Depois de muito tempo, o usamos e no final ajudou muito.

Mas, o trabalho que lembro perfeitamente foi o dicionário. Que foi? Como foi esse dicionário? Guillermo, nessas leituras tão amplas que teve, havia reunido uma ampla quantidade de material. Na verdade, entregou três caixas de sapatos e dentro um monte de papezinhos misturados, e neles estavam anotadas todas as fichas que havia reunido ao longo do tempo nessa sua enorme cultura e tudo que havia lido e era isso que havia que copiar, selecionar e organizar alfabeticamente. Mas era tão difícil de ler estas notinhas. Porque eram notas que haviam sido tomadas há muito tempo e estavam quase apagadas, e a letra do Guillermo, muitos camaradas a conheceram, era endiabrada. Não se podia ler, apenas podíamos adivinhar o que era. E isso me traz a lembrança de Lênin, que, quando escreveu a biografia do Engels, disse que nenhum amigo poderia ter feito a Marx um monumento tão significativo ao ter decifrado a sua letra endiabrada e assim prosseguir com a publicação de O Capital.

Nesse pequeno fato, o das pequeníssimas letras em pequenos papéis - se reflete muito a grandeza do Guillermo. Pois nos permite entender como e em que condições esse homem, que analisou toda a estrutura da sociedade boliviana, que nos deu a perspectiva de como será a revolução, usava esses diminutos papéis porque lhe eram necessários. Ele cuidava muito da economia do partido, o partido que era tão pequeno e tão pobre, que esse pequeno papelzinho significava muito para a economia de sua organização e ele a cuidava e escrevia nas margens mais incríveis.

Não sei se vocês percebem o valor que tinha esse pequeno papel e esse lápis com que escrevia e as condições em que pôde produzir. Assim fez quase todo seu trabalho em condições muito precárias. O livro, finalmente, vocês já o conhecem, foi editado como Editorial La Colmena e assim se iniciou essa odisséia com estes modestos camaradas que se assemelhavam quase aos pequenos papezinhos, e que Guillermo de algum modo os reuniu para conseguir suas ideias e os transformou em algo mais valioso do que realmente era. Assim saiu o primeiro tomo. Nos reunimos em torno dele e fizemos um brinde. Havíamos concluído o primeiro degrau desta enorme escada que se chamam as Obras Completas de Guillermo Lora.

Estados Unidos | Palestina

## EUA: levante estudantil tem conteúdo anti-imperialista

Os estudantes de mais de 60 universidades norte-americanas promoveram um verdadeiro levante para denunciar o genocídio do povo palestino perpetrado pelo Estado sionista de Israel, ocupando os campi das suas respectivas universidades e faculdades. Ao levante, as autoridades universitárias e a polícia dos estados responderam com brutais medidas repressivas e com calúnias ao movimento, acusando-o de ter motivação antissemita. Toda a imprensa vendida aos interesses imperialistas e sionistas também reproduz essa calúnia como forma de justificar a intervenção policial e as medidas administrativas autoritárias. O exemplo dos acadêmicos norte-americanos já provocou manifestações e movimentos em apoio aos palestinos em outros países.

No dia 17 de abril, estudantes e alguns docentes da Universidade de Columbia, na cidade de Nova Iorque, iniciaram o movimento ocupando a Universidade. O estopim do movimento foi a farsa montada pela presidente da Universidade de Columbia, Minouche Shafik, de que o movimento de solidariedade à Palestina era antissemita. Após a ocupação do campus, o movimento se espalhou para outras universidades norte-americanas onde os estudantes também recorreram à ocupação.

O que mobiliza os estudantes é a compreensão de que, para acabar com o genocídio de Israel em Gaza, é preciso acabar com o apoio dos EUA ao regime de Netanyahu. Exigem que as universidades americanas desinvistam tanto em Israel quanto nas empresas que lucram com a guerra em Gaza. É claro que apelar às administrações universitárias é inofensivo, pois se trata de grandes corporações como a BlackRock, Google, Amazon, Lockheed Martin e muitas outras, com milhares de milhões de dólares em jogo e influência no Estado imperialista, tanto sob administração republicana como sob a democrata. Apesar das limitações, objetivamente a luta dos estudantes norte-americanos tem um conteúdo anti-imperialista, pois denunciam que, por trás do genocídio, estão os interesses mais gerais do imperialismo.

Esse anti-imperialismo, latente no mundo inteiro, também encontrou eco em outros países, onde estudantes e/ou outros setores vêm se manifestando contra o genocídio dos palestinos. Movimentos de ocupação de universidades ocorrem na França, Austrália e Egito. Manifestações populares e de estudantes em defesa dos palestinos também aconteceram na Holanda, Itália, Alemanha, Grécia e Japão.

Em toda parte, as manifestações são selvagememente reprimidas, mas, as que mais se destacam são as perpetradas pelas forças policiais norte-americanas ao investir contra os estudantes para desocupar os campi universitários. As imagens da desocupação violenta do campus da universidade de Columbia mostram a selvageria repressiva do Estado. Há também a convivência dessas forças repressivas com o ataque de bandos fascistas/sionistas contra os estudantes na Califórnia. Em Paris e na Alemanha, também a brutalidade policial é cotidiana, além dos governos (democráticos?) proibirem qualquer manifestação em apoio aos palestinos.

A repressão ao movimento dos estudantes e às outras manifestações populares contra o genocídio palestino é parte de uma tendência dos Estados a abolir as liberdades e garantias democráticas, decorrente da profunda crise capitalista e do esgotamento dessas formas, anteriormente louvadas demagogicamente, mas que no atual estágio de decomposição não podem mais ser pre-

servadas. A verdadeira natureza de todo Estado é o de ser uma força especial de homens armados destinada a manter a opressão das classes trabalhadoras, mas, em períodos de bonança econômica, alguns Estados imperialistas disfarçam esse caráter repressivo e mantêm a formalidade democrática. A agudização da crise, no entanto, impede a esses mesmos Estados de continuarem mantendo as aparências democráticas, pois, nessa situação, se agudiza a luta de classes e os explorados são forçados a enfrentar a opressão com os seus próprios métodos. Também nessa situação, outros setores em choque com a opressão política e social recorrem aos métodos de ação direta, é o caso dos estudantes.

Os estudantes mobilizados enfrentam a repressão da cúpula do Estado norte-americano, dos estados da federação e das próprias reitorias que, além de caluniar o movimento, reprime com sanções, suspensões e ameaças. A limitação do levante estudantil se deve à ausência de um movimento da classe operária que assuma e oriente a luta contra o genocídio desde a perspectiva revolucionária. É o drama caracterizado por Trotsky no Programa de Transição como crise de direção revolucionária, que condena as lutas espontâneas dos oprimidos que ocorrem em toda parte a se dissiparem, sem conseguirem a liquidação do regime capitalista, única forma de superar a opressão social e nacional.

A combatividade e entrega dos estudantes deve servir para defender as bandeiras anti-imperialistas que implicitamente eles defendem e, mais do que a retomada de uma tradição das décadas de 1960-70 nas universidades norte-americanas, mostram o esgotamento do capitalismo no coração mesmo da mesma potência.

Cabe aos estudantes brasileiros e latino-americanos romperem a passividade imposta pelas direções conciliadoras, oportunistas e governistas. O POR trabalha nos comitês de defesa dos palestinos voltando os esforços para que os sindicatos assumam as bandeiras antissionistas, anti-imperialistas e anticapitalistas. Cabe a UNE romper com o governismo que somente em palavras denuncia o genocídio e coloca toda a esperança em uma solução vinda do alto da ONU que é controlada pelos Estados Unidos e demais potências imperialistas.

Viva a luta dos estudantes dos Estados Unidos! Toda força às ocupações das universidades! Abaixo a intervenção do Estado burguês nas universidades! Pelo controle de estudantes, professores e funcionários dos campi em defesa do direito dos palestinos à autodeterminação. Fim imediato da matança e do genocídio! Pela organização da frente única anti-imperialistas das fábricas, locais de trabalho às universidades!

**LANÇAMENTO!**

**PALESTINA**  
GUERRA NA FAIXA DE GAZA E  
GENOCÍDIO DO POVO PALESTINO

Posição e  
resposta do  
internacionalismo  
proletário

**R\$ 40**



Somente a classe operária e os demais trabalhadores, organizados, unidos e em luta podem derrotar o Estado sionista de Israel, os Estados Unidos e aliados.

Adquira já com o distribuidor do Jornal Massas.

*Abaixo transcrevemos as exposições dos representantes do Partido Operário Revolucionário do Brasil e Bolívia. Deixamos de editar as demais exposições, que podem ser encontradas no Facebook.*



Domingo 21 de abril

CPC - Colegio de Politólogos Cochabamba

Programa Debate Ciudadano del CPC - Colegio de Politólogos Cochabamba

## **TEMA: El ataque de Iran a Israel y la advertencia de Rusia de un conflicto directo con la OTAN**

*Participan: Atilio de Castro - BRASIL - Internacionalista POR*

*Alfonzo Velarde BOLIVIA Internacionalista POR*

*Lic. Ronald Del Barco - Docente de la carrera de Ciencia Política - UMSS*

*Lic. Sergio Castro - Docente de Ciencias Jurídicas - UMSS y miembro del IDEI*

<https://tinyurl.com/mr32xzfa>

### **Sobre a guerra na Ucrânia e agora na Faixa de Gaza**

**Atilio:**

Agradeço o convite.

De fato, estamos vivendo um momento de grande crise do capitalismo mundial. As guerras e a tendência crescente de uma escalada militar no mundo inteiro são seus sintomas. Este marco deve ser considerado como o elo de uma situação que vem se desenvolvendo há algum tempo. As guerras na Ucrânia e Faixa de Gaza não surgem por acaso. Há um acúmulo de contradições, de crises do capitalismo, que vem desde a década de 1970, que vem se potenciando após a Segunda Guerra Mundial. É bem provável que este seja o ponto mais alto da crise, que avança em um ritmo muito veloz. É essa dimensão que observamos no ataque do Estado sionista de Israel na Faixa de Gaza. Como este fato, que parecia pontual num determinado momento, como se fosse uma simples resposta de Israel a uma operação militar do Hamas, nos leva a admitir que se colocou imediatamente a possibilidade de transbordar para todo o Oriente Médio. E este último acontecimento em que o Irã respondeu militarmente a Israel é um indicador da possibilidade de generalização desta guerra no Oriente Médio, que se despontou desde os dias seguintes a 8 de outubro. Este acontecimento está intimamente vinculado à guerra na Ucrânia, que já ultrapassa dois anos. A guerra na Ucrânia, certamente, tem particularidades que a distinguem da guerra na Faixa de Gaza, mas tem uma base comum, têm aspectos comuns, que pela sua importância devem ser mencionados. O que tem de diferente é que a guerra na Ucrânia está vinculada ao processo de restauração capitalista, a queda da URSS e o cerco militar da OTAN contra Rússia. Enquanto a guerra na Faixa de Gaza tem a ver com o esgotamento da última partilha do mundo após a Segunda Guerra Mundial na qual se criou o Estado de Isra-

el e como Estado que é um enclave dos Estados Unidos, do imperialismo norte-americano, numa região muito conflagrada desde o fim o Império Otomano. Então existe uma relação íntima entre essas duas guerras, apesar de suas particularidades. Acrescente-se a isso a grande importância da guerra comercial que o imperialismo norte-americano trava contra China. E a China, devido à sua penetração no Oriente Médio, aparece também como um fator, embora fique um tanto oculto como parte desta crise mais geral que tem os Estados Unidos intervindo para manter a sua hegemonia. De modo que se observa que estas guerras são expressões da decomposição do capitalismo. Após a Segunda Guerra Mundial é o momento de maior decomposição do capitalismo. Creio que a minha primeira consideração objetiva ressaltar a importância de observar este quadro internacional em que as guerras aparecem como manifestação das tendências de desintegração do capitalismo, onde as tendências bélicas afloram e passam a ser um fator determinante no processo de aprofundamento da crise mundial. Esta é uma primeira consideração. Depois temos de ver o problema do proletariado, das massas, das respostas que são um outro aspecto e que tem a ver com a crise de direção, que também devemos considerar nesta discussão.

**Alfonso:**

Boa tarde, agradeço o convite.

Eu concordo com o que Atilio acaba de dizer. Na verdade, esses conflitos são a expressão de um sistema social, o capitalismo, em profunda crise. É a luta para manter a hegemonia dos Estados Unidos, convertido no maior poder econômico do capitalismo após a Segunda Guerra Mundial, mas que está num processo de crise. E, como estamos acostumados a receber sempre a visão produzida pelo Ocidente sobre os problemas, uma visão que é maniqueísta, onde há os bons e os maus, e os bons sempre são os do Ocidente, os Estados Unidos e seus aliados. E todos os demais são os maus, os terroristas etc. Assim nos chega a informação. Mas temos de ver o problema de fundo, por exemplo, o caso da

guerra na Ucrânia. É uma guerra que foi provocada pelos Estados Unidos e a OTAN. Porque, independentemente de a OTAN ter sido organizada inicialmente como uma força militar para se opor à União Soviética e ao Pacto de Varsóvia, uma vez que acabou a União Soviética, a direção da Rússia renegasse completamente o objetivo socialista e houvesse restaurado o capitalismo, mesmo assim a OTAN e os Estados Unidos continuaram enxergando-a como um perigo, porque é uma potência econômica e militar, que pode “fazer sombra” ao imperialismo norte-americano, se lhe permitirem entrar livremente na economia mundial. Isso é o que aspirava Putin. Putin o destacou várias vezes. Declarou que somos também capitalistas, mas exigimos respeito e não se pense que Rússia será incorporada à economia capitalista como uma semicolônia, mas sim como o poder que é. Essa visão foi apontada várias vezes, ao lado de outras como a de que já não somos comunistas, já não somos socialistas, somos capitalistas, mas que não estamos dispostos a nos transformar numa semicolônia do Ocidente ou dos Estados Unidos. Por isso é que os Estados Unidos e a OTAN vão provocar a Rússia, cercá-la militarmente e, no possível, penetrar economicamente através de suas empresas e, se possível, desagrega as nacionalidades que conformavam a União Soviética. Putin não reivindica a União Soviética, reivindica o velho império russo. O conflito reside aí. Foi uma provocação. Utilizaram a Ucrânia para tentar penetrar nas fronteiras russas. E Rússia advertiu que não permitiria, e por isso é que reagiu militarmente contra o Estado ucraniano a fim de reincorporá-lo à Rússia. O mesmo papel desempenha os Estados Unidos no conflito entre Israel e Palestina. Os palestinos são um povo que sofre uma opressão terrível por parte do Estado judeu, que foi imposto após a Segunda Guerra Mundial. O que restou da Palestina se transformou num campo de concentração. Palestina não tem governo, Palestina não é independente. Palestina depende completamente para se abastecer de energia, alimentação e tudo o mais de Israel, está totalmente submetida à vontade dos israelenses. É por isso que surge na Palestina um movimento genuíno de rebelião. O Hamas é expressão dessa resistência. É uma espécie de guerrilha, mas, profundamente arraigada no povo palestino. Não é um movimento isolado, não é um movimento que atua à margem do povo palestino, ao contrário, atua imerso no povo palestino e como expressão da luta desse povo contra a opressão de Israel. Agora, como assinalou Atílio, Israel é uma ponta de lança muito importante, militar e economicamente, dos Estados Unidos. Por isso é que os Estados Unidos apoiam descaradamente o genocídio que Israel está cometendo neste momento contra o povo palestino, sob o pretexto de que estaria autodefendendo-se da ação do Hamas. Se tem notícia de que Israel sabia dessa ação executada pelo Hamas e a permitiu, pois tem um sistema de defesa eficiente que tornaria quase impossível que Hamas tivesse penetrado como penetrou. Permitiram, pois, como pretexto para acabar de uma vez por todas com o povo palestino, provocando um verdadeiro genocídio. Genocídio que as Nações Unidas etc., ignoram, olham para outro lado, querem justificar e perdoar as barbaridades que Israel está cometendo, porque a ONU não é nada mais do que um instrumento do imperialismo norte-americano e dos seus aliados europeus. Por trás de todos estes conflitos está a mão dos norte-americanos, do imperialismo ianque. Agora, o que está acontecendo entre Israel e Irã, é, como assinalou Atílio há pouco, extremamente perigoso, pois falta apenas uma faísca para que o conflito se generalize, e ao se agravar possa ocorrer a deflagração de uma Terceira Guerra Mundial, que, neste caso, seria de consequências catastróficas para a humanidade, devido ao poder imenso que atualmente têm as armas atômicas. Basta que o conflito se inicie que não vai falar um que recorra à bomba atômica e aí seria um desastre mundial, em nível planetário. Putin tem ameaçado mais de uma vez, em último caso, se atacassem a Rússia, então recorreria a esse recurso. Claro que esse fato – as terríveis consequências de uma guerra dessa natureza –, e muitos o reconhecem, colocaria uma

situação em que não haveria vencedores, mas todos seriam perdedores, é também um freio. Os Estados Unidos sabem que não será como quando lançou as bombas atômicas contra o Japão. Japão não tinha como se defender. Agora, o imperialismo norte-americano tem à sua frente a China e a Rússia que têm armas nucleares e que podem utilizá-las, podendo atacar o próprio interior dos Estados Unidos. Isto freia um pouco, e diríamos que até o momento existe um certo controle. Ficam mostrando os dentes, mas as consequências seriam tão ferozes que freiam um pouco. Agora, o que aconteceu com o ataque do Irã a Israel foi uma resposta ao ataque que Israel perpetrou contra a embaixada iraniana em Damasco. Como se dissesse: nós também temos direito de nos defendermos e de atacar, e o que fizemos foi uma advertência, parem por aqui e aqui se acaba o problema. Mas, Israel, na reunião do Conselho de Segurança da ONU, disse que vai responder. Agora, sobre essa ameaça de Israel se pronunciaram a Rússia, China e Estados Unidos, procurando acalmar a situação para que esse conflito não estoure finalmente. Mas, não sabemos o que pode acontecer. A verdade é que estamos num momento sumamente perigoso para a humanidade como consequência da crise do sistema capitalista que pode nos levar àquilo que Trotsky previu, ou seja, se não ocorrer a revolução que liquide este sistema, o que pode vir é a barbárie e a destruição da própria humanidade.

## Segunda intervenção

### Atílio:

Antes de responder diretamente à questão, se me permitem, me parece importante nessa parte de minha exposição, deixar claro, determinar com precisão as forças que estão em conflito, porque não são forças neutras. Não são forças que tenham as mesmas posições, os mesmos interesses e a mesma capacidade. Parece que é importante entender a relação entre a guerra que ocorre no Oriente Médio com a guerra que ocorre na Europa e a guerra comercial que se desenvolve na Ásia. Aqui o problema consiste em que há um esgotamento do capitalismo depois da Segunda Guerra Mundial. Houve a reconstrução do mundo com o plano Marshall, e ao plano Marshall se seguiu a criação da OTAN, que é o braço armado dos Estados Unidos. Em todos estes conflitos, nestes choques, os Estados Unidos são a força que estão promovendo esta tendência bélica devido a sua necessidade de manter a dominação, o que já não é possível do jeito que foi estabelecido após a Segunda Guerra Mundial.

O segundo ponto que me parece importante é problema da queda da URSS, da falência da União Soviética. A derrocada da URSS foi inicialmente tomada pelo imperialismo como um caminho pelo qual poderia avançar não apenas a restauração na Rússia e nas demais ex repúblicas soviéticas, mas também a abertura de caminho para a intervenção do capital norte-americano e o capital europeu. Esta unidade imperialista se constituiu justamente para ocupar os espaços que antes era ocupado pela URSS. Então me parece importante compreender este ponto.

O terceiro ponto é que esta guerra na Faixa de Gaza tem uma ligação íntima com este quadro mais geral da crise mundial do capitalismo. Porque há a necessidade de expansão do Estado sionista no Oriente Médio e de um alinhamento nesses países para derrotar as posições nacionalistas, encarnadas no momento pelos iranianos. O nacionalismo criou uma frente que provoca uma certa unidade em países como a Síria, Líbano, o Irã e, em certa medida, o Iraque. Essa força nacionalista tem de ser derrotada, e por isso os Estados Unidos têm uma importância decisiva para a defesa do Estado de Israel, dado que seus interesses estratégicos, em relação ao Oriente Médio, estão ali bem implantados. Então queria fazer esta consideração inicial em razão de algumas considerações dos politicólogos.



Agora, acerca da pergunta sobre a resposta de Putin, se bem entendi, como Putin está reagindo às ameaças que aparecem agora tanto no Oriente Médio quanto na Europa com a guerra na Ucrânia? Esta me pareceu ser a pergunta, se é que entendi bem. O que ocorre é que a Rússia continua muito cercada pela pressão da OTAN. O fato de a Rússia ter conseguido entrar em território ucraniano e de ter toda a região de Donbas sob seu controle não anula o fato da OTAN ter ampliado suas fronteiras, incluindo a Finlândia e a Suécia. Este é um indicador de que esta guerra não tem uma solução em si mesma. Qualquer que seja a solução ditada pelos Estados Unidos ou pela Rússia, a tendência será a de se manter o conflito e a guerra, pois o imperialismo tem a necessidade de adentrar em todo o território que pertencia a ex URSS e também tem a necessidade de colocar a Rússia sob seu controle. A profundidade deste conflito está indicando a tendência à generalização da guerra na Europa. Por isso, eu considero que as ameaças do Putin estão em grande medida determinadas pela arregimentação feita pelos Estados Unidos destas forças pró-imperialistas que não aceitam uma paz que não seja ditada pelo imperialismo, ou seja, pelos ditames da OTAN. Seja uma paz na Ucrânia, seja uma solução – mesmo que momentânea – na Faixa de Gaza, têm de ser ditada pelo imperialismo. Então me parece que esta é a contradição fundamental vivida pelo governo de Putin.

#### Alfonso:

Respondendo à pergunta acerca das consequências econômicas sobre América Latina e sobre a Bolívia de um possível agravamento dos conflitos no Oriente Médio

No caso hipotético de que se agrave – vai se agravar, mas até onde não sabemos – em todo caso, as consequências serão não só sobre a Bolívia, mas especialmente para os países semicoloniais. Por exemplo. O preço do petróleo poderá chegar – segundo dizem – a mais de US\$ 200 o barril como consequência do agravamento bélico. Isto para nós seria terrível, pois a Bolívia se transformou em importadora de energia, e além disso o Estado tem de subvencionar a energia. Seria uma medida tremenda para a economia do país. As consequências são evidentemente econômicas.

Agora, acerca das ameaças de Putin a que vocês se referiam, como foi assinalado pelo Atilio, o conflito entre Rússia e Ucrânia é um conflito que foi empurrado pela OTAN que está utilizando a Ucrânia para poder ingressar até a fronteira mesma da Rússia. Rússia reagiu contra isso, pensou que poderia acabar facilmente em questão de semanas e não foi assim, porque Ucrânia está sendo sustentada com armas e outros recursos pela OTAN. Entretanto, neste momento a guerra pende em favor da Rússia. Ucrânia já não tem condições de continuar sustentando a guerra sozinha. Por isso é que a França, por exemplo, ameaçou enviar tropas a Ucrânia, embora depois tivesse de recuar. É diante disso que Putin diz que se a OTAN intervém com tropa, irá responder com todos os meios que a Rússia dispõe. Eu não creio que a OTAN se atreva a ingressar diretamente na guerra da Ucrânia. Isto seria já terrível. O imperialismo deve manter a situação como está agora, como assinalava Atilio há pouco, que a pressão sobre Rússia vai se manter permanentemente, mas, seria sumamente grave se os Estados Unidos empurrem a Europa a ingressar com tropas, ou seja que a OTAN entre na Ucrânia para enfrentar-se diretamente com Rússia. A advertência de Putin foi nesse sentido. Não se atreвам. Que a OTAN não se atreva a meter-se diretamente no conflito. Nesse caso, a Rússia responderia com tudo que tem, e tem tudo, tem a bomba atômica, tem todos os recursos para gerar um conflito que seria catastrófico. Agora, sobre o que vocês perguntaram, quan-

to às consequências econômicas para o país, seriam sumamente graves. Na medida em que as tensões naquela região e o impacto sobre o controle das rotas do comércio internacional etc., é um conflito que tende a agravar a situação econômica mundial e afetar economicamente os países atrasados como o nosso.

### Terceira intervenção

#### Atilio:

Se me permitem gostaria de fazer uma colocação bem rápida, porque está terminando o programa. Eu queria dizer que o problema fundamental é a crise da direção revolucionária. A classe operária tem de erguer seu partido revolucionário. Nenhuma solução virá das forças burguesas. Nenhuma “solução” resolverá os conflitos no Oriente Médio. Tampouco se resolverá absolutamente nada na Europa. Poderá haver uma acomodação momentânea das forças, devido à proximidade de uma guerra mais ampla. Mas será tudo muito provisório. Porque o problema é que o capitalismo está em decomposição e o imperialismo encabeçado pelos Estados Unidos coloca em perigo à humanidade. Esta é a questão fundamental. Por isso há que se ter uma definição política diante do conflito.

Então, para concluir o meu agradecimento, diria que este é o problema fundamental: as massas têm de se organizar no campo da independência política. O movimento que se levantou em defesa do povo palestino e contra o genocídio praticado por Israel tem sido a grande demonstração de que este é o caminho pelo qual os trabalhadores percorrerão, e à frente dos trabalhadores em geral, o proletariado. Compreender a crise mundial tem sentido se for para desenvolver o programa da revolução proletária. Sem o programa da revolução proletária e sem a luta pela construção dos partidos revolucionários, todas as discussões sobre a crise vão se esgotar em si mesmas. Isto é o que me parece importante como conclusão.

#### Alfonso:

Quero reafirmar o que Atilio acaba de dizer. estamos vivendo uma época, a época imperialista onde por trás de todos estes conflitos e dos conflitos que têm ocorrido entre os países estão se vendo interesses econômicos profundos. É uma luta para manter o poder econômico do imperialismo norte-americano. E a agudização do militarismo obedece também a uma forma de destruir parte da produção mundial, que é uma necessidade do imperialismo, assim como é a de fabricar armas, um negócio para o imperialismo. A destruição em massa é uma forma de tentar equilibrar a crise de superprodução que não encontra mercado. Uma forma de tentar controlar as fontes de matérias primas etc. se dá por meio do enfrentamento às semicolônias. Para responder ao domínio imperialista, é necessário que os povos oprimidos do mundo se rebellem e se emancipem. Somente assim podemos chegar ao nascimento de uma nova sociedade que aproveite plenamente a enorme capacidade que a humanidade já possui, e libertar os homens de viver comprimido pela pressão da procura pelo pão de cada dia, enquanto uma minoria abraça toda a riqueza produzida, resultado do trabalho social. A humanidade necessita dessa revolução, que não conta o problema do direito internacional, nem nada dessas formalidades jurídicas burguesas. É um problema profundamente econômico que só pode ser resolvido quando os oprimidos, especialmente a classe operária, por ser a que gera com seu trabalho a riqueza, tomar sem suas próprias mãos. Assim, o proletariado organizado pode abrir à humanidade um futuro onde os homens sejam livres e acabem com o terror das guerras.

**Milite no POR, um partido de quadros marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.**  
 nossa.classe@hotmail.com - pormassas.org - @massas.por - anchor.fm/por-massas - (11) 95446-2020



*Transcrevemos abaixo as exposições do representante do POR do Brasil e da Argentina no programa Revolução: uma discussão necessária, dirigido por Angelica Cano. Não transcrevemos as observações da entrevistadora. Pode-se encontrar a íntegra da entrevista no Youtube do POR da Argentina.*



## **EUA e sua aliança imperialista: responsáveis pela escalada militar**

<https://tinyurl.com/mtbf2n2s>

Quando ocorreu a operação militar do Hamas parecia um acontecimento inesperado, como se fosse algo caído do céu. Entretanto, é um acontecimento que está expressando o caráter da crise mundial. Não é casual que este conflito tenha a dimensão de genocídio do povo palestino. Há uma interseção, uma fusão, de duas tendências muito importantes. A primeira tendência tem a ver com a opressão que os palestinos vêm suportando há mais de setenta anos. É um período muito longo de conflitos mortais, de opressão brutal. E a outra tendência tem a ver com a particularidade do momento, em que, este conflito que se estabeleceu desde 1948, toma uma dimensão mundial.

Então, se observa que o Estado sionista de Israel usou a operação militar do Hamas – que foi uma resposta à tremenda opressão vivida na Faixa de Gaza – para desfechar o genocídio. Como não há uma resistência mais geral dos palestinos, que incluiria a Cisjordânia, parece que tudo se circunscreve à Faixa de Gaza, mas não é assim. É um fenômeno mais geral de opressão nacional que ocorre na Palestina e que tem conexão com o problema da opressão nacional em todo Oriente Médio. Por isso, creio que esta seja uma compreensão histórica necessária.

Pergunta da entrevistadora: quais seriam os outros?

Resposta: Por exemplo, a situação do Irã. Como os Estados Unidos fazem desde 1979, quando houve a revolução islâmica. O imperialismo norte-americano estabeleceu um cerco ao Irã. E como o Estado de Israel, que é um enclave do imperialismo, foi utilizado para criar a possibilidade de uma guerra contra o Irã. Este é um exemplo. Os outros são a Síria, o Líbano e o Iraque que sofreu uma intervenção brutal dos Estados Unidos, que praticamente destruiu o país. Se verifica então que há uma relação mais geral que inclui o Iêmen, que sofre com uma guerra civil e uma brutal opressão que o imperialismo exerce por meio de outras nações oprimidas, como é o caso da Arábia Saudita que protagoniza a guerra contra o Iêmen. A Arábia Saudita é, no entanto, uma semicolônia. Uma semicolônia controlada pelos Estados Unidos. Assim, as massas árabes como um todo padecem arcam com a opressão a opressão de classe e a opressão nacional.

Como se vê, a Palestina é parte de um grande problema de opressão nacional em todo Oriente Médio. Se não tivermos clareza acerca deste problema da história da Palestina, não podemos ter uma resposta proletária, uma resposta que seja do programa do proletariado para a solução das opressões nacionais. Nenhuma outra classe pode resolver o problema nacional a não ser o proletariado, porque as opressões nacionais só podem ser resolvidas pelas revoluções proletárias, pelo estabelecimento dos Estados operários. Somente assim as opressões nacionais podem ser enfrentadas.

Observa que os movimentos nacionalistas, inclusive muito radicais, os movimentos armados que se desenvolveram no Oriente Médio – também na África, mas o nosso tema é o Oriente Médio – são movimentos nacionalistas que não podem conquistar a independência nacional, não podem impor uma derrota ao imperialismo que se transforme em autodeterminação nacional. Com o

nacionalismo da década de 1950, os árabes procuraram uma grande unidade. Chegaram a nacionalizar o Canal de Suez, em 1956, uma medida revolucionária tomada pelo nacionalismo burguês. O nacionalismo dirigido por Nasser se encontrava em choque com o Estado sionista de Israel, que naquele momento se valia do apoio da Inglaterra e França que controlavam o Canal de Suez. Tudo isso acabou. Sim, esse foi o seu limite.

Dessa forma se vê que o Hamas é uma expressão tardia deste nacionalismo. Expressa a luta da nação oprimida com os seus métodos nacionalistas e não com os métodos do proletariado, com o programa do proletariado que implica o armamento das massas, de luta pelas revoluções proletárias. É por isso que este conflito tem essas raízes históricas e essas raízes históricas expõem o momento de profunda crise do capitalismo mundial, mas, também expõe a profunda crise de direção revolucionária que não se pode ocultar, porque senão se pode estimular ilusões democráticas, por soluções democráticas à luta das nações oprimidas por sua real soberania. É o que se observa nas correntes de esquerda que não têm uma estratégia revolucionária de conquistar a autodeterminação do povo palestino como parte da revolução proletária, da revolução socialista.

Creio que este é o ponto de partida da formulação da linha do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), que não é de hoje. Esta é a linha que vem respondendo desde as intifadas, as guerras de Israel, que foram guerras que resultaram em anexações. Guerras que expuseram a necessidade absoluta da burguesia sionista e imperialista de estender seu domínio para toda a Palestina. A experiência mostra que não há lugar para um Estado sionista e um Estado palestino convivendo pacificamente. É um sonho. É um sonho que já comprovou ser irrealizável. Por isso que a luta que as massas estão travando tem muita importância. Este movimento da pequena burguesia nos Estados Unidos. Vejam que reflexo importante é o que se passa com o movimento estudantil que tomou as proporções de um movimento gigantesco contra a repressão que sofrem os estudantes e contra a falsa campanha de que se trataria de um movimento antissemita. É um movimento antissionista que não tem nada a ver com o antissemitismo.

Eu creio que este é um primeiro elemento chave da história da confluência da crise concreta hoje e que tem os Estados Unidos como o seu epicentro, de onde emana todo o processo de escala militar mundial.

O outro ponto que me parece importante é a situação concreta do genocídio. Os próprios analistas burgueses reconhecem que não houve nunca na história uma intervenção militar que em tão pouco tempo e em uma faixa pequena de terra, que concentra dois milhões e cem mil palestinos, tenha já matado cerca de 35 mil pessoas, muito têm sido os cadáveres que se vão encontrando a cada dia. Há pouco tempo se descobriram cadáveres de 600 palestinos que estavam soterrados. Ressalta a barbaridade que se evidencia com o assassinato de crianças e mães. É uma barbárie que indica como o capitalismo já está num estágio muito avançado da barbárie com as potências envolvidas no genocídio. E os Estados

Unidos são o principal responsável pelo genocídio, por esta mancha. São responsáveis tanto pelo armamento que fornece e pelo dinheiro que fornece a Israel, quanto pela intervenção direta com seus navios de guerra, com sua intervenção direta para impedir um movimento que se subleve no Oriente Médio, o que permitiria a incorporação dos países mais oprimidos, como é o caso do próprio Irã, da Síria, do Líbano, do Iêmen e do Iraque. Se vê que há uma intervenção direta do imperialismo. Não se limita a fornecer dinheiro, armamento e a instruir militarmente como faz na Ucrânia, mas está diretamente envolvido na guerra. Essa é uma guerra aberta no Oriente Médio promovida por uma aliança da burguesia sionista com a burguesia imperialista norte-americana e toda a aliança imperialista que envolve as potências europeias.

**Pergunta: qual seria a característica particular, dessas guerras, no quadro do enfrentamento de duas potências, China e Estados Unidos, que a tornaria diferente das vezes anteriores**

Certamente a guerra na Faixa de Gaza é parte de um problema maior que contrapõe os Estados Unidos à China. É parte da guerra na Ucrânia e é parte da guerra comercial dos Estados Unidos com a China, e é parte inclusive das disputas por posições na África, que se refletem nos choques armados que estão se desenvolvendo no continente africano. O imperialismo precisa de uma ampliação de seu controle econômico por cima de todas as fronteiras nacionais, porque as forças produtivas estão em choque com os mercados internos que estão esgotados e com o mercado mundial que está se estreitando continuamente. Então a superexploração dos povos oprimidos faz parte da superexploração da classe operária e das massas. Há uma superexploração da força de trabalho e uma superexploração das nações oprimidas. Há um saque das nações oprimidas. Esta é uma característica do momento desta crise mundial. A China que emergiu como uma potência econômica e como tal intervém no mercado mundial, buscando mundialmente sua expansão econômica, então entra em choque com os Estados Unidos. Esse choque comercial e tecnológico está se potenciando em tal magnitude que vem se transformando em perigo de guerra na Ásia. O Japão vem se rearmando e além do Japão há um armamento das Filipinas sediando bases militares norte-americanas. Nesse marco, há o objetivo de fortalecer o aparato atômico da guerra. Este problema da energia e do armamento nuclear está sendo exposto à luz do dia. Até um tempo atrás, o imperialismo exortava o controle e redução das armas nucleares. Claro que era uma exortação que expressava o poder dos Estados Unidos, porque jamais o imperialismo vai se desarmar. Não há desarmamento do capitalismo. O capitalismo vai se armar cada vez mais. Mas, dependendo das circunstâncias se pode ter este tipo de “desarme” que esconde que, na realidade, se está preparando um armamento mais potente logo mais à frente. Isto o marxismo já comprovou. Trotsky demonstrou claramente este movimento que se realizava em momentos de preparação da Segunda Guerra Mundial, que também havia ocorrido no processo que levou à Primeira Guerra Mundial. A declaração da Oposição de Esquerda, voltada a constituir a Quarta Internacional, sobre a guerra demonstrava este processo, e o estamos vivendo novamente. Fez-se todo um avanço do imperialismo para pressionar a burocracia estalinista para restaurar o capitalismo, e após a queda da União Soviética e do processo de penetração do capital nas fronteiras da China, do capital imperialista na China, depois deste processo, vem a segunda etapa que é que tem de passar baixar todas as fronteiras nacionais para o controle do imperialismo. Retoma-se nessas condições o rearmamento atômico. O projeto AUKUS que os Estados Unidos “negociou” com a Austrália prevê colocar navios atômicos voltados contra a China no Indo-Pacífico. É a demonstração do grande

armamento vem sendo impulsionado pelos Estados Unidos e seus aliados da OTAN.

Não se pode ver a guerra na Palestina como uma guerra pontual, como algo isolado. É um processo muito amplo da crise mundial que não se via após a Segunda Guerra Mundial. Não se conhecia uma situação tão convulsiva como a de hoje. E não é porque não houvesse situações convulsivas. A Guerra do Vietnã, de 1965 a 1975, foi muito convulsiva, assim como a crise dos mísseis com Cuba, no início de 1960. É uma situação muito delicada, mas agora os fatores da crise mundial estão mais concentrados e num ritmo mais rápido. Tem muita importância entender que a resposta à situação na Faixa de Gaza só pode alcançar uma capacidade de combate ao imperialismo se for uma resposta a toda a crise mundial que envolve a Ucrânia, Palestina, China etc. Creio que esta é uma compreensão do Comitê de Enlace que se distingue de todas as correntes políticas que parecem corporativistas. Hoje se tem um corporativismo frente à guerra, um corporativismo de esquerda: a guerra em Gaza é uma coisa, a guerra na Ucrânia é outra, o que se passa noutros lugares é outra. É tudo um processo único com suas particularidades, com seus ritmos, mas estrategicamente, as forças produtivas contidas pelas relações de produção capitalistas e pelas fronteiras nacionais estão empurrando a tendências militares mais avançadas, que podem ser mais poderosas que a Segunda Guerra Mundial

**Pergunta sobre o boicote, que as fábricas deixem de produzir armamentos como a arma mais poderosa que temos. E como impacta esta crise mais geral sobre as economias do continente**

Pela minha compreensão são duas questões que você apresenta. A primeira é qual será o desenvolvimento deste conflito? A segunda é sobre as leis históricas deste conflito, que é o choque entre as forças produtivas e as relações de produção.

Está ocorrendo um processo de agravamento da crise mundial e das tendências bélicas. Isto é claro e cristalino. Mas, também está ocorrendo uma movimentação das massas em torno à Palestina. O que não aconteceu com a Ucrânia, que na realidade é mais greve do que a Palestina, do ponto de vista mais geral da crise mundial, porque atinge a Europa. Então este movimento das massas são movimentos de caráter anti-imperialista. Suas raízes são anti-imperialistas. Sair às ruas levantando a bandeira do fim do genocídio, da retirada imediata das forças de segurança israelenses da Faixa de Gaza, direito a autodeterminação do povo palestino, estas bandeiras são bandeiras de fundo anti-imperialista, que acabarão expressando sua dimensão mais geral que é anticapitalista. É nesse sentido que tem importância as bandeiras de boicote econômico e militar ao Estado sionista de Israel. O combate ao imperialismo em todos os campos é parte da luta pelo fim do capitalismo, de luta pela revolução social. Então, este movimento das massas ainda é muito fraco diante das tendências bélicas profundas. É muito fraco. Essa debilidade decorre da crise de direção. Não é porque as condições objetivas não estejam colocando para as massas o apro-

**LANÇAMENTO!**

**GUERRA NA  
UCRÂNIA**

Posição e  
resposta do  
internacionalismo  
proletário

**R\$ 40**

**GUERRA  
NA UCRÂNIA**  
POSIÇÃO E RESPOSTA  
DO INTERNACIONALISMO  
PROLETÁRIO

Somente a classe operária, organizada, unida e em luta pode fazer frente à escalada bélica e à guerra de dominação imperialista.

Adquirir já com o distribuidor do Jornal Massas.



fundamento da luta de classes, não! Há um aprofundamento da luta de classes no mundo. A Argentina está vivendo o aprofundamento da luta de classes a olhos vistos. América Latina caminha para conflitos muito profundos. Vejam o caso da Venezuela com a Guiana. Onde se coloca o problema da intervenção norte-americana. Do ponto de vista objetivo, a necessidade do proletariado, das classes médias e das massas camponesas se levantarem contra o imperialismo está plenamente colocada. E estas manifestações são a concretização destas tendências, mas ainda muito débeis. A debilidade se deve à crise de direção, uma vez que as massas não contam com os partidos revolucionários, não contam com o Partido Mundial da Revolução Socialista. A liquidação da Terceira Internacional pelo estalinismo, e a impossibilidade da Quarta Internacional se firmar e se tornar uma direção mundial impuseram um retrocesso organizativo do proletariado de ordem até então desconhecida. A desintegração da Quarta Internacional é o grande problema que vivemos hoje na luta contra a guerra. Porque, veja, nós rejeitamos o pacifismo. Nós lutamos contra a guerra não com as armas do pacifismo. E se nota que o movimento ainda tem traços marcadamente pacifistas. Inclusive nas manifestações estudantis que ocorrem nos Estados Unidos. Me parece que este grande movimento nas universidades argentinas, que foi um grande movimento, não levantava bandeiras sobre Palestina. Não sei se foi a imprensa que boicotou a informação, mas era um movimento que obrigatoriamente tinha de convergir com respostas internacionais. Porque os problemas nacionais que estão vivendo na Argentina são reflexos da situação mundial. Então se vê que a crise de direção é o grande problema que temos à nossa frente.

Um outro aspecto acerca disso. As reivindicações das massas nas greves passadas na França, na Alemanha e Bélgica também são indicadores de que o caminho da luta de classes obrigará o proletariado a convergir com a luta anti-imperialista que vem se despontando. Suas reivindicações mais elementares e sua luta contrária às contrarreformas tendem a convergir com a luta anti-imperialista. Mas esta é uma questão de tempo, que tem a ver com a resolução da crise de direção.

Sobre a contradição entre as forças produtivas e as fronteiras nacionais. Isto tem a ver com a lei histórica de que o capitalismo é um sistema anárquico, de economia de mercado. A produção social, ou seja, toda riqueza que é produzida pela classe operária e pelos demais oprimidos se encontram, hoje mais do que ontem, amplamente concentradas nas mãos de uma minoria. E esta minoria tem aos seus pés uma vasta miséria das massas que estão empobrecendo cada vez mais. Esta é uma contradição do capitalismo que indica que a tecnologia dá saltos em sua capacidade produtiva, mas se choca com a força de trabalho que é parte das forças produtivas, destruindo e inutilizando parte da força de trabalho. Quando se destrói força de trabalho se está num processo de profunda crise do capitalismo em que afloram suas contradições históricas. De modo que a alta concentração de capital parasitário tem que ter uma saída. Há um endividamento completo dos estados nacionais. Os Estados Unidos são um dos maiores devedores do mundo. Na União Europeia, todos os estados são devedores. A Argentina está quebrada pela dívida externa. E o Brasil está diante de uma crise profunda porque Lula não sabe o que fazer com a dívida interna que cresce.

Então se vê que o capitalismo tem de tomar medidas muito drásticas. Ou toma medidas antinacionais, antipopulares que violenta as conquistas mais antigas da classe operária ou escolhe o caminho mais destrutivo que é a guerra. A guerra é uma forma de destruir forças produtivas para abri um novo momento de crescimento do capital. Por isso que lutar contra estas guerras depende da organização da classe operária e do aumento de sua capacidade de luta. Nenhuma outra classe pode, nem a pequena burguesia urbana e rural por mais que esteja oprimida. Só a classe operária, e a classe operária está muito controlada pelas burocracias sindicais, está muito retraída numa situação em que deveria estar à frente dos combates. Me parece que esta é uma análise importante, inclusive para obter as respostas.

## Considerações de Ramon Basko

É muito importante tudo o que Atílio formulou dando uma ideia completa do problema. Mencionou a recente e extraordinária mobilização na Argentina que tem um caráter anti-imperialista, porque aponta contra um governo que é completamente servil aos EUA, um governo que apoia abertamente Israel e a Netanyahu. Sendo que Netanyahu é um governo questionado pelos próprios judeus, pela própria população de Israel, e o governo argentino saiu a apoiá-lo abertamente. Os Estados Unidos estão tentando pôr um pé na Argentina, como parte daquilo que Atílio apontava, para tomar o controle do país. Necessitam impor a sua política avassaladoramente sobre a Argentina. E a consigna dos EUA é: com a China, nada! Nada de nada! Há que romper todos os acordos com a China. Assim se reflete a guerra comercial em nosso país e como se afetam as relações na economia. Não podemos dizer que não fazemos parte desta guerra. Estamos implicados nesta guerra comercial.

Do que Atílio dizia no início, me parece importante assinalar que não se pode ter nenhuma ilusão na ideia de que as Nações Unidas poderão frear este genocídio. Já demonstrou que é absolutamente inviável, não há forma de castigar e conter o crime que está cometendo Israel. É o que me parece que Atílio assinalava, ao dizer que há entre as massas a ilusão de que alguém contenha o genocídio. Não, somente a classe operária pode deter com seus próprios métodos o armamentismo, pode deter a guerra, pode deter este genocídio.

Da mesma forma, é uma utopia pensar que possam conviver dois estados. A verdade é que faz 70 anos que se mencionou a possibilidade de erguer dois estados e nunca se pôde erguer, ainda menos agora. Já está esgotado, não há nenhuma possibilidade. E qual é a saída então? Há que se lutar por uma República Palestina Socialista, sob a qual convivam árabes, palestinos e judeus. Um Estado socialista, não há nenhuma outra possibilidade. Seja um estado intermediário, sejam dois estados, é uma fantasia. Isto é muito importante para intervir nos movimentos devido àquilo que Atílio assinalou: o seu caráter anti-imperialista em todo o mundo. Ocupam-se as ruas para dizer: basta de matança, basta de guerra, basta de genocídio! E nós temos de desenvolver os movimentos anti-imperialistas também em nossos países. É nessa condição que afirmamos: temos de resolver o problema da direção. É muito importante que direção, que orientação política têm estes movimentos. Também quero reafirmar o que Atílio disse acerca do esgotamento da repartição do mundo. A repartição feita após a Segunda Guerra Mundial está esgotada, e os Estados Unidos querem recuperar e defender sua hegemonia no mundo e quer impor uma nova repartição. E isso tem de fazê-lo por meio das guerras. Então a guerra não será detida até que derrotemos o imperialismo. Isso precisa estar absolutamente claro.

Esta é uma luta essencial para a humanidade, do contrário o que vai se estender é a barbárie. Estamos vivendo a barbárie no Oriente Médio.

## Conclusão de Atílio

Gostaria de dizer algo acerca de uma consideração importante feita pelo camarada Ramon na conclusão de sua exposição. Que é o problema estratégico de uma República Socialista na Palestina, que faz parte da luta pelos Estados Unidos Socialista do Oriente Médio. Isto tem uma importância muito grande porque por aí se desenvolve a luta anti-imperialista, porque não se pode desenvolver a luta anti-imperialista a não ser que seja pela via socialista. A luta pela via nacionalista está esgotada. Não tem futuro. Então eu creio que somente o Comitê de Enlace tem uma resposta estratégica ao problema da Faixa de Gaza, ao problema dos palestinos em geral e uma resposta ao problema dos estados oprimidos de todo Oriente Médio. Somente o Comitê de Enlace tem essa resposta, que corresponde à aplicação do Programa de Transição da Quarta Internacional.



Trotsky

## 32 anos da dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)

*No Jornal Massas 705, por ocasião dos 32 anos da derrocada da URSS, começamos uma exposição sobre a luta de Trotsky contra as forças restauracionistas. Utilizamos, como início, a exposição dos Escritos de Trotsky. No Jornal Massas 706, dedicamos o estudo ao Tomo I, vol. 3. No Massas 707, tratamos do Tomo 1, vol. 4. No Massas 708 expusemos dois artigos do Tomo II, vol. 1: “Aos Camaradas Búlgaros” e “Termidor e Bonapartismo”. No Jornal Massas, nº 709, resumimos o Tomo II, vol. 2: “Problemas do Desenvolvimento da URSS. Projeto de Teses da Oposição de Esquerda Internacional sobre a questão russa”. No Jornal Massas 710, usamos o Tomo IV, vol.1: “Tarefas e métodos da Oposição de Esquerda Internacional”. No Jornal Massas 712, tratamos do Tomo IV, vol. 2: “É necessário construir Partidos Comunistas e uma nova Internacional”. No Jornal Massas 713, dedicamos ao Tomo V, vol.1: “A natureza de classe do Estado soviético”. No Tomo V, vol. 2 restam algumas formulações que se encontram no documento “A Guerra e a IV Internacional, de 10 de junho de 1934.*

### “A Guerra e a IV Internacional”

Trata-se de um documento de alto valor histórico escrito cinco anos antes do início da Segunda Guerra Mundial. Trotsky caracteriza a Primeira Guerra Mundial, de 1914 -1918, como “o começo oficial de uma nova época”. A Oposição de Esquerda que havia decidido trabalhar pela constituição de uma nova Internacional se deparava com uma situação de preparativos da Segunda Guerra, que tinha sólidos vínculos com a ascensão do fascismo. Os sinais de que a guerra viria compareciam na demonstração de que “todos os governos temiam a guerra, mas nenhum tinha liberdade para decidir”. Embora ainda no horizonte, o documento estabelece a linha internacionalista de que “sem uma revolução proletária é inevitável uma guerra mundial”.

O capitalismo nem bem havia passado pelos abalos da Primeira Guerra e o “sistema de Versalhes”, imposto pelas forças vencedoras, entrava em colapso. Colocava-se uma nova partilha do mundo. Os Estados Unidos emergiam como uma potência, mas envolvidos na camisa de força da crise mundial. A guerra comparecia como uma necessidade para assegurar e ampliar a sua superioridade econômica e militar. Trotsky se refere da seguinte maneira: “A história está ameaçando a humanidade com a erupção vulcânica do imperialismo norte-americano”. Nesse

marco se colocava o lugar da URSS. O seu reconhecimento pelos Estados Unidos, em função do objetivo de enfrentar o rearmamento alemão, e a sua autoatribuição aos “êxitos diplomáticos da União Soviética”, na verdade, expressavam a “debilitação da revolução mundial”. Essa era a contradição fundamental com a qual a classe operária e a sua vanguarda revolucionária se debatiam. A defesa incondicional da URSS se achava no terreno do programa e dos princípios internacionalistas. Tratava-se de um pressuposto estabelecido desde o início da organização da Oposição de Esquerda marxista-leninista-trotskista.

Os visíveis preparativos da guerra reascendiam de forma mais clara e objetiva. O que implicava avançar ainda mais a compreensão e a luta contra a degeneração burocrática do Estado operário. Assim, o documento assenta a linha: “Defender a União Soviética dos inimigos capitalistas, mais além das circunstâncias e causas imediatas do conflito, é obrigação elementar de toda a organização operária honesta”. Essa obrigação exigia a firmeza do combate aos perigos que encerrava a política da burocracia estalinista em se sujeitar a uma aliança com uma fração do imperialismo que concluísse com um enfraquecimento da luta internacionalista pela revolução mundial. Nas palavras de Trotsky: “A evidente dege-

neração burocrática do Estado soviético, que continua aprofundando-se, assim como o caráter nacional-conservador de sua política exterior, não modificam o caráter social da União Soviética, que continua sendo o primeiro Estado Operário. Todo tipo de teoria democrática, idealista, ultraesquerdista e anarquista que ignore que as relações de propriedade soviética são socialistas por sua tendência e dissimule a contradição de classe entre o Estado burguês e a URSS ou a negue levará inevitavelmente, sobretudo se a guerra for declarada, a conclusões políticas contrarrevolucionárias”.

Esse fundamento internacionalista tomava corpo em meio a posições pró-burguesas de defesa do Estado nacional. Eis: “O Estado nacional, com suas fronteiras, passaportes, sistema monetário, mercadorias e exército para proteger suas mercadorias se transformou em um poderoso obstáculo para o desenvolvimento cultural e econômico da humanidade. O objetivo do proletariado não é a defesa do Estado nacional, mas sim a sua liquidação total e absoluta”. (...) “A contradição entre as forças produtivas e os limites do Estado nacional, com a contradição principal – entre as forças produtivas e a propriedade privada dos meios de produção – deram um caráter mundial à crise do capitalismo como sistema social”. (...) “A ideia de voltar a dividir

a Europa capitalista para que as fronteiras estatais correspondam às nacionais é a maior das utopias. Nenhum governo cederá pacificamente uma só polegada de terreno. Uma nova guerra redividiria a Europa segundo o mapa estabelecido pela guerra, não segundo as fronteiras nacionais. O objetivo da total autodeterminação nacional e a colaboração pacífica entre todos os povos da Europa somente se pode alcançar por meio da unificação econômica do continente, uma vez eliminado o domínio burguês. A consigna dos Estados Unidos Socialistas da Europa não somente permite a salvação dos povos balcânicos e danubianos como também a dos povos da Alemanha e França". A defesa da URSS, portanto, seguindo essa premissa, estava voltada ao objetivo original de sua edificação pela Revolução de Outubro de 1917, que era a da revolução proletária internacional. Opunha-se à tese estalinista do "socialismo em um só país".

Trotsky estabelece o vínculo programático da defesa incondicional da URSS diante do imperialismo com a luta ao revisionismo da burocracia estalinista às teses elaboradas por Lênin e consagradas no Quatro Primeiros Congressos da Internacional Comunista. A defesa da pátria aspirada pelo proletariado russo não se confundia com a fartamente utilizada pelo imperialismo. Trata-se de uma posição de combate no plano da luta de classes particular contra o objetivo do imperialismo de destruir a URSS e do desenvolvimento geral da luta internacionalista.

A seguinte formulação de Trotsky é de enorme valor programático e político: "Ao defender a URSS, o proletariado não defende as fronteiras nacionais, mas sim uma ditadura socialista provisoriamente estabelecida nos limites

nacionais. Somente se pode criar uma base segura para a política proletária revolucionária em épocas de guerra compenetrando-se até a medula da firme convicção de que a revolução proletária não pode completar-se dentro dos marcos nacionais, de que todos os êxitos da construção socialista na URSS estão condenados ao fracasso sem o triunfo do proletariado nos países dirigentes, que sem a revolução internacional não há salvação para nenhum país do mundo, de que somente se pode construir a sociedade socialista em base à cooperação internacional".

A política exterior da burocracia estalinista, ao contrário das diretrizes do internacionalismo marxista, se guiava pela teoria do "socialismo em um só país". Consequentemente, propunha o utópico "desarmamento geral e o compromisso mútuo de não-agressão". Essa linha do pacifismo burguês desarmava a política da URSS diante da fração imperialista circunstancialmente aliada. Distintamente, estava colocada a linha proletária da "guerra revolucionária". Assim formula Trotsky: "Nossa atitude diante da guerra não está determinada pela fórmula legalista da 'agressão', mas pela natureza de classe da guerra e com que objetivos". (...) "A política exterior de cada classe é a continuidade e o desenvolvimento de sua política interna". (...) "A vanguarda proletária internacional poderá defender a URSS se for independente da política diplomática soviética, se gozar de total liberdade para denunciar seus métodos nacionalistas e conservadores, que atentam contra os interesses da revolução internacional e, portanto, também contra os da União Soviética". (...) "O proletariado internacional, que em todo o momento defenderá firme e abnegadamente o Estado operário em luta contra o

imperialismo, não se transformará, no entanto, em aliado dos aliados imperialistas da URSS. O proletariado de um país imperialista aliado a URSS deve manter total e absolutamente sua intransigente hostilidade diante do governo imperialista do seu próprio país. Nesse sentido, sua política não será diferente da do proletariado do país que luta contra a URSS". (...) "Quando se trata de um conflito entre países capitalistas, o proletariado de qualquer um deles se nega categoricamente a sacrificar seus interesses históricos, que em última instância coincidem com os interesses da nação e da humanidade, em benefício do triunfo militar da burguesia". (...) "A transformação da guerra imperialista em guerra civil é o objetivo estratégico geral ao qual se deve subordinar toda política de um partido proletário".

Com esses alinhamentos, Trotsky evidencia a distinção e a contradição entre a política da burocracia estalinista que se guiava pela fantasiosa teoria do "socialismo em um só país" e a da Oposição de Esquerda que se guiava vigorosamente pelo internacionalismo marxista-leninista. Desmonta, por outro lado, os erros dos esquerdistas e oportunistas que manejavam retoricamente a tese de que já não havia Estado operário, e, sendo assim, não se colocava a defesa incondicional da URSS. O documento "A Guerra e a IV Internacional" põe às claras o programa, os princípios e os métodos internacionalistas nas condições em que a URSS estava ameaçada pela guerra provocada pelas forças imperialistas em confronto.

*(As citações foram extraídas de "Escritos, Leon Trotsky, Tomo V, 1933-1934, vol. 2, pág. 451)*

## Escute o Massas, podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

**anchor.fm/por-massas**

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO  
REVOLUCIONÁRIO**

Milite no POR, um partido de quadros marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.  
nossa.classe@hotmail.com - pormassas.org - @massas.por - anchor.fm/por-massas - (11) 95446-2020

